

HELENA DO EGITO: UM ESTUDO ACERCA DO COMPORTAMENTO DA FAMOSA
PERSONAGEM NA TRAGÉDIA HOMÔNIMA DE EURÍPIDES (412 a.C.)

Luciana Ferreira da Silva

Dissertação de Mestrado submetida
ao Programa de Pós-graduação em
Letras Clássicas da Universidade
Federal do Rio de Janeiro, como
parte dos requisitos necessários à
obtenção do título de Mestre em Le-
tras Clássicas.

Orientadora: Professora Doutora Ta-
nia Martins Santos

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Março de 2016

HELENA DO EGITO: UM ESTUDO ACERCA DO COMPORTAMENTO DA FAMOSA
PERSONAGEM NA TRAGÉDIA HOMÔNIMA DE EURÍPIDES (412 a.C.)

Luciana Ferreira da Silva

Orientadora: Profa. Dra. Tania Martins Santos

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

Examinada por:

Presidente, Prof^a. Doutora Tania Martins Santos (PPGLC-UFRJ)

Prof^a. Doutora Dulcileide Virginio do Nascimento Braga (UERJ)

Prof. Doutor Ricardo de Souza Nogueira (PPGLC-UFRJ)

Prof^a. Doutora Elisa Costa Brandão de Carvalho, Suplente (UERJ)

Prof. Doutor Auto Lyra Teixeira, Suplente (PPGLC-UFRJ)

Rio de Janeiro

Março 2016

SILVA, Luciana Ferreira da.

Helena do Egito: um estudo acerca do comportamento da famosa personagem na tragédia homônima de Eurípides (412 a.C.) / Luciana Ferreira da Silva. – Rio de Janeiro: UFRJ / Faculdade de Letras, 2016.

62 f.; 31 cm

Orientadora: Tania Martins Santos

Dissertação (Mestrado) – UFRJ / Faculdade de Letras / Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas, 2016.

Referências: f. 59-62.

1. Helena. 2. Tragédia. 3. *Helena* de Eurípides. 4. O papel da mulher na sociedade grega. I. Tania Martins Santos. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras. Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas. III. *Helena do Egito*: um estudo acerca do comportamento da famosa personagem na tragédia homônima de Eurípides (412 a.C.).

HELENA DO EGITO: UM ESTUDO ACERCA DO COMPORTAMENTO DA FAMOSA PERSONAGEM NA TRAGÉDIA HOMÔNIMA DE EURÍPIDES (412 a.C.)

Luciana Ferreira da Silva

Orientadora: Profa. Doutora Tania Martins Santos

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

A dissertação por ora proposta é resultado das pesquisas realizadas na graduação, no período de 2010 a 2013, por meio da Iniciação Científica, a qual teve como tema de estudo o gênero feminino na Antiguidade. Inicialmente, buscou-se traçar o perfil de uma esposa ideal, com base no texto literário *Econômico*, do prosador ático Xenofonte. Em seguida, comparou-se o comportamento da mulher-cidadã com o das mulheres livres, das *hetairai*, e, ainda, das prostitutas e das concubinas. Por fim, procurou-se analisar duas das esposas mais famosas da Literatura Grega, Penélope e Helena, respectivamente.

Com base nas características apresentadas por Xenofonte em *Econômico*, observou-se que Penélope pode ser considerada modelo de esposa ideal na literatura, não só por ser uma mulher virtuosa e fiel, mas, também, por ser ardilosa.

Eurípides, por sua vez, apresenta, na tragédia *Helena*, uma versão diferenciada do famoso mito, em que Páris rapta a esposa de Menelau e a leva para Troia, dando início à guerra entre gregos e troianos. Nessa peça, a filha de Zeus não teria fugido com Páris, mas sido levada por Hermes para o Egito, a mando de Hera, e lá ficaria escondida até que seu esposo a encontrasse e conseguisse levá-la de volta para Esparta.

Desse modo, pretende-se analisar, nessa dissertação, a personagem Helena na peça homônima de Eurípides, fazendo-se uma comparação entre esta e a rainha de Ítaca, de maneira a encontrar características que fazem da tindárida uma nova Penélope: uma esposa não só fiel, recatada e honrada, mas também muito astuciosa. Para isso, serão utilizados, ainda, outros textos literários, além da peça *Helena* e

da epopeia *Odisseia*, tais como a tragédia *Troianas*, também de Eurípides, e a importante epopeia de Homero, *Ilíada*.

HELEN OF EGYPT: A STUDY ABOUT THE FAMOUS BEHAVIOR CHARACTER IN TRAGEDY OF EURIPIDES HOMONYMOUS (412 B.C.)

Luciana Ferreira da Silva

Orientadora: Profa. Doutora Tania Martins Santos

Abstract da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

The dissertation for now proposal is the result of the researches conducted in graduation, between 2010 and 2013, through scientific initiation, which theme was female gender in antiquity. Initially, the study sought to illustrate the profile of an ideal wife, based on the literary text *Economics*, from the attic prose writer Xenophon. Then, it compared the woman-citizen behavior with the free women, the *hetairai*, and, also, the prostitutes and concubines. Finally, the study tried to analyze two of the most famous wives of Greek Literature, Penelope and Helena, respectively.

Based on the characteristics presented by Xenophon in *Economics*, it was observed that Penelope might be considered a model of ideal wife in literature, not only for being a virtuous woman and faithful, but also for being cunning.

Euripides, in turn, presents, in the tragedy *Helen*, a different version of the famous myth, when Paris kidnaps the wife of Menelaus and takes her to Troy, beginning the war between Greeks and Trojans. In this play, the daughter of Zeus wouldn't have ran away with Paris, but would have been carried by Hermes to Egypt, at the behest of Hera, and there would be hidden until her husband could found her and could take her back to Sparta.

In this way, it is intended to analyze, in this dissertation, the character Helen in the homonymous Euripides' play, by making a comparison between this and the queen of Ithaca, in order to find features that makes the tindarida a new Penelope: a wife not only loyal, demure and honorable, but also very cunning. For that, it will be used, also, other literary texts, besides the play *Helen* and the epic *Odyssey*, such as *The Trojan Women* tragedy, also from Euripides, and the important epic of Homer, *Iliad*.

SINOPSE

O comportamento feminino na Grécia Antiga. A diferença entre mulheres-cidadãs e mulheres livres. Penélope como modelo de esposa ideal. Helena do Egito: uma nova Penélope.

Ἥρα δὲ μεμφθεῖσ' οὐνεκ' οὐ νικᾶ θεὰς
ἐξηνέμωσε τ' ἄμ' Ἀλεξάνδρω λέχη,
δίδωσι δ' οὐκ ἔμ' ἀλλ' ὁμοιώσασ' ἐμοὶ
εἶδωλον ἔμπνου σούρανοῦ ξυνθεῖσ' ἄπο
Πριάμου τυράννου παιδί (...).
Λαβὼν δέ μ' Ἑρμῆς ἐν πτυχαῖσιν αἰθέρος
νεφέλη καλύψας - οὐ γὰρ ἠμέλησέ μου
Ζεὺς - τόνδ' ἐς οἶκον Πρωτέως ἰδρύσατο,
πάντων προκρίνας σωφρονέστατον βροτῶν,
ἀκέραιον ὡς σώσαιμι Μενέλεω λέχος.
(EURIPIDES. *Helen*, vv. 31-48)

Hera, repreendida por não ter vencido as deusas,
livrou meu leito nupcial para Alexandre
e deu-lhe não a minha pessoa, mas um fantasma
semelhante a mim, que ela criou da nuvem
para o filho do rei Príamo (...).
Hermes, tendo-me tomado nas dobras do éter,
E tendo-me envolvido com nuvem – pois não me negligenciou
Zeus – instalou-me no palácio de Proteu,
tendo escolhido o mais sensato de todos os mortais
para que eu conserve meu leito intacto em benefício de Menelau.
(EURÍPIDES. *Helena*. vv. 31-48)

Dedico este trabalho ao professor e amigo Pedro da Silva Barbosa, que me apresentou a tragédia *Helena* e o incrível mundo das Letras Clássicas.

Agradeço a Deus, por ter me dado o dom da vida e força para
vivê-la.

Agradeço aos meus pais, Carlos José da Silva e Vera Lúcia
Ferreira da Silva, pelo amor incondicional.

Agradeço ao meu noivo, Arlindo Ferreira de Lima Júnior, pelo
apoio e companheirismo infindáveis.

Agradeço à minha orientadora e professora Tania Martins Santos,
por ter me aberto a porta, por ter me acolhido e acreditado
em mim.

Agradeço aos professores Marinete José de Oliveira de Santana
Ribeiro, Shirley Fátima Gomes de Almeida Peçanha, Ricardo de Souza
Nogueira, Auto Lyra Teixeira, Simone de Oliveira Gonçalves Bondarczuk
e Pedro da Silva Barbosa, por todo conhecimento compartilhado e por
me mostrarem quão belo é o amor pela profissão.

Agradeço ao amigo Wagner Luiz da Silva, pela amizade e
cumplicidade eternas.

Agradeço aos amigos Tháila de Oliveira Vega, Thiago Leonardo Santos
do Couto e Ludmila Alves da Silva pela amizade incomparável e especial.

Agradeço a CAPES pelo financiamento da minha pesquisa.

A todos, minha eterna gratidão!

SUMÁRIO

1. Introdução	12
2. A condição feminina na Grécia Antiga sob a ótica xenofonteana	15
2.1. Esposas, concubinas, <i>hetairai</i> e prostitutas: os diversos papéis da mulher na Grécia Clássica (Séculos V e IV)	19
3. Penélope: esposa virtuosa e fiel	25
4. Helena de Troia: uma mulher, uma traição e uma guerra	32
5. <i>Helena</i>: uma nova Penélope	42
6. Conclusão	57
7. Referências	59

1. Introdução

O trabalho ora proposto é resultado das pesquisas realizadas ainda na graduação, por meio da Iniciação Científica, que teve seu início em 2010, na qual fui contemplada com bolsa PIBIC de 2012 a 2013. O projeto, que tinha como tema principal o estudo do gênero feminino e o seu comportamento na sociedade ateniense do período clássico, foi dividido em etapas, as quais foram fundamentais para entender como deveria ser o comportamento da mulher-cidadã, a fim de que esta fosse considerada virtuosa, quais eram suas funções no *oîkos*, como eram as relações conjugais, entre outros. Para isso, examinaram-se os diversos papéis que uma mulher poderia assumir na sociedade, a saber: esposas, concubinas, cortesãs e prostitutas.

Concluída esta etapa, tornou-se necessário buscar exemplificações na própria Literatura Grega, na qual se constatou que a personagem Penélope, de *Odisséia*, foi tomada como modelo de esposa ideal, sendo considerada uma mulher de grande valor, devido à sua fidelidade e devoção a Odisseu, no período em que estivera combatendo a favor dos gregos, na famosa Guerra de Troia, e, também, nos anos posteriores, enquanto, perdido, tentava retornar a Ítaca.

Por conseguinte, a famosa personagem Helena, da tragédia homônima de Eurípides, foi escolhida para análise, visto que o poeta a apresentou de maneira diferente daquela conhecida na *Ilíada*. Helena é uma das mulheres mais polêmicas da literatura, pois, segundo alguns autores, ela desencadeara a famosa guerra entre gregos e troianos, levando ao fim Troia e, junto desta, muitos guerreiros de ambos os lados. A filha de Zeus, a mais bela mulher, dona de uma beleza digna dos deuses, esposa infiel, que abandonara seu lar, seu esposo e filha para seguir Páris Alexandre, filho do rei de Troia, talvez tenha sido arrebatada pela paixão, ou raptada, ou, ainda, possa ter sido vítima dos deuses. Existem muitas versões da sua história, as quais foram apresentadas por diversos autores, como Homero, Eurípides, Górgias, entre outros: uns a retrataram como mulher sem valores e virtudes, outros a defenderam, representando-lhe como uma “nova Penélope”.

Dando continuidade à pesquisa, no curso de mestrado, buscou-se aprofundar o estudo a respeito da referida personagem, iniciando-se pela *Ilíada*, de Homero, para se chegar, assim, ao texto-base deste trabalho: a tragédia *Helena* (412 a.C.), de Eurípides. Observou-se, então, que o famoso mito da fuga para Troia não fora apresentado pelo tragediógrafo como se conhece nos Poemas Homéricos, mas em outra

versão, na qual a esposa de Menelau é retratada como uma mulher virtuosa e fiel ao marido, tendo sido, apenas, uma vítima das artimanhas dos deuses. Além disso, Helena é apresentada na peça como uma mulher repleta de artimanhas, sendo capaz de salvar seu casamento, no Egito, possibilitando à tragédia um *happy end*, que, talvez, não seja esperado pelo expectador.

Embora tenha defendido a filha de Zeus na tragédia *Helena*, em *Troianas* (415 a. C.), Eurípides a representa como uma mulher inconsequente e indigna, causadora de todos os males que arrebataram o reino de Príamo. Por isso, julgou-se necessário realizar uma comparação entre essas duas peças, uma vez que o autor apresentara a mesma personagem com comportamento antagônico. Na peça *Helena*, objetivou-se buscar, ainda, aspectos que dão destaque à personagem, não só por sua fidelidade, mas por sua astúcia, visto que a personagem é representada de modo diferenciado daquele que já conhecemos: a esposa infiel.

Cumprir informar que este trabalho tem como objetivo analisar a personagem Helena, mulher emblemática para o entendimento do comportamento feminino na Grécia antiga, bem como os diversos papéis assumidos pela mulher na sociedade grega. Convém destacar que todos os trechos da tragédia *Helena* citados neste trabalho foram traduzidos por mim, usando como ferramentas para isso o livro *Helen, Phoenician Women, Orestes*, de Eurípides, editado e traduzido do grego para o inglês por David Kovacs e publicado em 2002 pela Harvard University Press.

Juntamente aos textos literários, destacam-se, também, algumas obras teórico-críticas, que foram imprescindíveis para a composição deste trabalho, tais como: *Helena: o eterno feminino*, de Junito de Souza Brandão; *A tragédia grega e Os Gregos* de Kitto; *Ensaio sobre Eurípides*, de Maria de Fátima Sousa e Silva; *Amor, Sexo & Casamento na Grécia Antiga*, de Nikos Vrissimtzis; *A vida quotidiana dos gregos no século de Péricles*, de Robert Flacelière e *A Grécia Arcaica de Homero a Ésquilo*, de Claude Mossé.

Com relação à estrutura do trabalho, no capítulo 2, realizou-se um estudo acerca dos papéis assumidos pela mulher na sociedade grega clássica, tendo-se como base o *Econômico* de Xenofonte; na seção 2.1, observaram-se os diversos papéis da mulher na Grécia Clássica, por meio de uma comparação entre mulheres-cidadãs e mulheres livres. No capítulo 3, utilizou-se como objeto de análise uma importante personagem da Literatura Grega: Penélope; e, no quarto capítulo, Helena, utilizan-

do-se tanto o poema homérico *Ilíada*, quanto a tragédia euripidiana *Troianas*. O quinto e mais importante capítulo dessa dissertação, tem como texto-base a tragédia *Helena*, de Eurípides, em que Helena, a personagem principal, esposa de Menelau, é apresentada como uma mulher virtuosa. Para finalizar, ainda no capítulo 5, dá-se destaque à característica que mais chama a atenção na peça: a astúcia da filha de Zeus, a qual salvou seu casamento e proporcionou à peça um *happy end*.

Espera-se contribuir, com este trabalho, para os estudos voltados à Antiguidade Clássica, sobretudo, os estudos de gênero.

2. A condição feminina na Grécia Antiga sob a ótica xenofonteana

De modo completamente diferente dos dias atuais, a mulher grega, na Atenas Clássica, tinha uma vida sem escolhas, em que se via obrigada a fazer o que era imposto pela sociedade. Isto significa dizer que a mesma, por não possuir direitos políticos e administrativos, era administrada por um tutor e casava-se com cerca de 14 anos. Após o casamento, o marido instruí-a-lhe para que cuidasse do lar, a fim de que aumentasse o patrimônio da família.

Antes do casamento, as jovens permaneciam a maior parte do tempo no *gineceu*, ambiente destinado apenas a mulheres. Nesse lugar, elas recebiam educação direcionada ao *oikos*, e aprendiam, por exemplo, a arte de tecer, como também, em algumas ocasiões, noções de leitura, escrita e aritmética¹. Após o casamento, o homem dizia à esposa quais eram as suas funções, complementando o aprendizado até então existente. Xenofonte, em *Econômico*², utilizando-se do diálogo entre as personagens Sócrates e Iscômaco, afirma que o homem não educava sua esposa, sem antes oferecer sacrifícios aos deuses, para que ocorresse o melhor para ambos:

[7] Τὰ δ' ἄλλα, ἔφην ἐγώ, ὦ Ἰσχόμαχε, αὐτὸς ἐπαίδευσας τὴν γυναῖκα ὥστε ἰκανὴν εἶναι ὧν προσήκει ἐπιμελεῖσθαι; οὐ μὰ Δί', ἔφη ὁ Ἰσχόμαχος,

[8] οὐ πρὶν γε καὶ ἔθυσα καὶ ἠϋξάμην ἐμέ τε τυγχάνειν διδάσκοντα καὶ ἐκείνην μαθάνουσαν τὰ βέλτιστα ἀμφοτέροις ἡμῖν. οὐκοῦν, ἔφην ἐγώ, καὶ ἡ γυνὴ σοι συνέθυε καὶ συνηύχετο ταῦτά ταῦτα; καὶ μάλα γ', ἔφη ὁ Ἰσχόμαχος, πολλὰ ὑπισχνουμένη μὲν πρὸς τοὺς θεοὺς γενέσθαι οἷαν δεῖ, καὶ εὐδηλὸς ἦν ὅτι οὐκ ἀμελήσει τῶν διδασκομένων. (XENOPHON. *Economics*, VII, 7-8)

[7] Quanto ao resto, Iscômaco, disse eu, tu mesmo educaste tua mulher para que fosse capaz de cuidar das tarefas que lhe cabem?

Não, por Zeus! disse Iscômaco, não o fiz antes de oferecer sacrifícios e, com uma prece, pedir que eu, ensinando, e ela, aprendendo, conseguíssemos o melhor para nós ambos.

[8] E tua mulher, disse eu, não participou contigo dos mesmos sacrifícios e preces?

Participou, sim, disse Iscômaco, e aos deuses fez muitas promessas de que seria como é preciso. Via-se que não descuidaria do que lhe fosse ensinado. (XENOFONTE. *Econômico*, VII, 7-8)

¹ VRISSIMTZIS, Nikos A. *Amor, Sexo & Casamento na Grécia Antiga*. Tradução de Luiz Alberto Machado Cabral. São Paulo: Odysseus, 2002.

² XENOFONTE. *Econômico*. Tradução de Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Segundo a tradição, a donzela casava-se quando atingia a puberdade, e o homem, com aproximadamente 30 anos. O planejamento do casamento era organizado pelos pais dos noivos, visando sempre ao bem do *oîkos* e da *pólis* e não ao sentimento do casal, como nos informa Xenofonte, no momento em que a personagem Iscômaco explica a sua esposa o porquê de tê-la escolhido: “(...) Eu refletia a meu respeito e teus pais sobre ti para ver quem escolheríamos como o melhor para a casa e para os filhos. Eu te escolhi e os teus pais, acho eu, dentre os maridos possíveis me escolheram para ti. (...)” (XENOFONTE. *Econômico*, VII, 11)³. Havia casos, ainda, em que a noiva só via o noivo no dia do casamento.

À mulher grega não era dado o direito de agir conforme desejasse. Os únicos direitos que esta possuía eram o de casar-se e de gerar filhos legítimos. Ela não administrava seu dote e nem sua herança e para isso contava com a representação de um tutor. Nikos Vrissimtzis (2002, p. 34) afirma que a mulher não poderia mover nenhum processo e nem realizar compra ou venda de bens ou propriedades. Nas devidas situações, a mesma era representada, antes do casamento, por seu próprio pai ou irmão, e, após a cerimônia, passava a ser tutelada por seu marido ou filho já adulto. Todavia, na ausência destes, a tutela ficava a cargo de um familiar do sexo masculino, legalmente nomeado. Quando a jovem tornava-se órfã e não possuía irmãos era obrigada a casar-se com o parente mais próximo da parte do pai, como um tio ou um primo, o mais rápido possível, para manter a herança com a família⁴.

O matrimônio era a base da sociedade e “uma etapa obrigatória na vida de todo cidadão” (VRISSIMTZIS, 2002, p. 46). Objetivava essencialmente não só a manutenção da espécie e a continuação da estirpe humana, mas também a existência de amparo aos pais quando idosos, como afirma Xenofonte:

[18] ἐμοὶ γάρ τοι, ἔφη φάναι, καὶ οἱ θεοί, ὧ γύναι, δοκοῦσι πολὺ διεσκεμμένως μάλιστα τὸ ζεῦγος τοῦτο συντεθεικέναι ὃ καλεῖται θῆλυ καὶ ἄρρεν, ὅπως ὅτι ὠφελιμώτατον ἢ αὐτῶ εἰς τὴν κοινωνίαν.

[19] πρῶτον μὲν γὰρ τοῦ μὴ ἐκλιπεῖν ζώων γένη τοῦτο τὸ ζεῦγος κείται μετ’ ἀλλήλων τεκνοποιούμενον, ἔπειτα τὸ γηροβοσκούς κεκτήσθαι ἑαυτοῖς ἐκ τούτου τοῦ ζεύγους τοῖς γοῦν ἀνθρώποις πορίζεται· (...)
(XENOPHON. *Economics*, VII, 18-9)

³ [11] ‘(...) βουλευόμενος δ’ ἔγωγε ὑπὲρ ἐμοῦ καὶ οἱ σοὶ γονεῖς ὑπὲρ σοῦ τίν’ ἂν κοινωνὸν βέλτιστον οἴκου τε καὶ τέκνων λάβοιμεν, ἐγὼ τε σὲ ἐξελεξάμην καὶ οἱ σοὶ γονεῖς, ὡς εἰκόασιν, ἐκ τῶν δυνατῶν ἐμέ.’ (XENOPHON. *Economics*, VII, 11)

⁴ Cf. Vrissimtzis, 2002, p. 34.

[18] Eu penso, minha mulher, ele contou-me ter dito, que os deuses formaram esse casal de fêmea e macho, como é chamado, com muito critério para que tenha o máximo de vantagens na convivência. [19] Em primeiro lugar, para que não pereça a raça dos seres vivos, esse casal permanece unido gerando filhos; em segundo, a partir dessa união, eles, os homens pelo menos, podem ter amparo em sua velhice (...). (XENOFONTE. *Econômico*, VII, 18-9)

Além disso, em algumas ocasiões, o casamento poderia ocorrer também para a junção de duas famílias poderosas, a fim de unir o patrimônio das mesmas. Durante a cerimônia eram feitos votos de prosperidade e fertilidade e nunca “de amor, fidelidade ou devoção entre marido e mulher” (VRISSIMTZIS, 2002, p. 44). A esse respeito, Maria Amália Tsuruda (2008, pp. 11-2) afirma que, como na agricultura, a mulher servia apenas como a terra que guardava a semente proveniente do homem. Na procriação dos filhos, ela teria um papel passivo, e o homem, ativo, ou seja, a mãe, na verdade, apenas protegia e alimentava o embrião, fato que, no plano jurídico, dava ao pai o direito de posse sobre as crianças, em situações como o divórcio ⁵.

A cerimônia de casamento era composta por algumas partes relevantes. Na primeira delas, havia um acordo nupcial, a *engýsis*, entre o pai da noiva e o noivo. Este acordo funcionava como um contrato de casamento de extrema importância. Ocorria diante do altar da família, na presença de testemunhas e poderia contar, ou não, com a presença da noiva, que deveria manter-se em silêncio. Juntamente à *engýsis*, o pai da noiva providenciava a *proíka*, ou dote, que servia como uma espécie de indenização ao futuro marido, já que a mulher não poderia produzir ou trabalhar. Antes, ainda, da cerimônia, eram realizados, pelo pai da noiva, sacrifícios aos deuses do casamento, como também o ritual de purificação dos noivos. Por último, no dia após a purificação, ocorria a *ékdosis*, ou seja, a entrega da noiva. Após a ceia oferecida na casa do pai, o casal dirigia-se à residência do noivo numa carruagem enfeitada, enquanto parentes e amigos proclamavam o *Himeneu*, o cântico nupcial. Já em casa, eram saudados pelos pais do noivo, e a noiva era conduzida à câmara nupcial.

Xenofonte compara a mulher à rainha das abelhas, dizendo que o que cabe à mesma “não são tarefas de pequeno valor”, pois, como “numa colméia, não são de pequeno valor as tarefas a que a abelha-rainha preside” (XENOFONTE. *Econômico*,

⁵ TSURUDA, Maria Amália Longo. *A crítica erudita frente ao problema do feminino no pensamento de Platão. Notandum* Livro. n 10. São Paulo: CEMOrOc-EDF/ FEUSP, 2008, pp. 5-24.

VII, 17)⁶. Sendo assim, quando casada, a mulher tornava-se a soberana absoluta do *oïkos*, ficando delimitada ao espaço doméstico fechado, enquanto o espaço exterior destinava-se ao homem.

Na Atenas Clássica, a mulher legítima cidadã ateniense, filha de pai e mãe atenienses e esposa de cidadão da Ática, era mantida numa ignorância intelectual quase completa, pois não participava ativamente da vida política e social da pólis. Ficava confinada no gineceu (...), dedicando-se a suprir todas as necessidades familiares dos mais diversos tipos. (ONELLEY, 1989, p. 17)

A senhora passava, então, a gerir todas as atividades relacionadas ao lar, como, por exemplo, cuidar das crianças, supervisionar os escravos, fiscalizar o trabalho dos mesmos, preservar e estocar os produtos de origens agrícola e animal e, também, encarregar-se do vestuário da família⁷. Segundo o prosador ático, o deus preparou a natureza da mulher para os trabalhos e cuidados no interior, e a do homem para os trabalhos e cuidados no exterior da casa, ou seja, “preparou o corpo e a alma do homem para que possa suportar melhor o frio, o calor, caminhadas e campanhas bélicas. Impôs-lhe, por isso, os trabalhos fora de casa; à mulher,(...), por ter-lhe criado o corpo mais fraco para essas tarefas, (...), impôs as tarefas do interior da casa” (XENOFONTE. *Econômico*, VII, 23)⁸.

As aparições das mulheres em público restringiam-se a reuniões de caráter religioso ou familiar, e ainda à realização de compras pessoais, porém, sempre acompanhada por uma escrava. Quando o marido recebia visitas em casa, a senhora não podia aparecer perante os convidados, ficando restrita ao *gineceu*, administrando as atividades realizadas pelos escravos.

A vida sexual do casal não era algo importante para o casamento, pois como fora dito, este existia apenas para procriar e não para proporcionar prazer. A mulher deveria ter uma atividade sexual discreta, devendo ser extremamente fiel ao seu esposo, a fim de que não houvesse dúvidas em relação à legitimidade dos herdeiros. O homem, por sua vez, poderia relacionar-se com *hetairas* e prostitutas, para o seu

⁶ ‘οἶμαι μὲν ἔγωγε, ἔφην, οὐ τὰ ἐλαχίστου ἄξια, εἰ μὴ πέρ γε καὶ ἡ ἐν τῷ σμήνει ἡγεμῶν μέλιττα ἐπ’ ἐλαχίστου ἀξίους ἔργοις ἐφέστηκεν.’ (XENOPHON. *Economics*, VII, 17)

⁷ Cf. VRISSIMTZIS, 2002, 36.

⁸ ‘ρίγη μὲν γὰρ καὶ θάλπη καὶ ὄδοιπορίας καὶ στρατείας τοῦ ἀνδρὸς τὸ σῶμα καὶ τὴν ψυχὴν μᾶλλον δύνασθαι καρτερεῖν κατεσκεύασεν· ὥστε τὰ ἔξω ἐπέταξεν αὐτῷ ἔργα· τῇ δὲ γυναικὶ ἦπτον τὸ σῶμα δυνατὸν πρὸς ταῦτα φύσας τὰ ἔνδον ἔργα αὐτῇ, φάναι ἔφη, προστάξαι μοι δοκεῖ ὁ θεός.’ (XENOPHON. *Economics*, VII, 23).

bel-prazer, assim como assegura Demóstenes: “Com efeito, as heteras nós as temos para o prazer, as concubinas para o cuidado diário do corpo, mas as esposas para que tenham filhos legítimos e mantenham a guarda fiel da casa.” (DEMÓSTENES. 59. *Contra Neera*, 122)⁹. Esta situação era comum na Grécia Antiga e não dava à esposa o direito de pedir a anulação do casamento; porém, se a mulher traísse o marido, considerar-se-ia um caso de desonra e o mesmo tinha o direito de expulsá-la de casa e pedir divórcio. Contudo, com a separação dos cônjuges, o homem era obrigado a devolver à família da noiva o dote recebido. O divórcio ocorria também em casos de esterilidade da esposa, pois a ausência de filhos era prova do não cumprimento do objetivo fundamental do casamento para a sociedade ateniense. A mulher somente poderia conseguir o divórcio em casos de abuso ou violência física.

Mediante os fatos supracitados, nota-se que a mulher grega vivera em função da *pólis* e, sobretudo, dos homens. É também notório que, para que obtivesse o reconhecimento como esposa ideal e perfeita (a mulher-abelha), deveria ser discreta e atender às necessidades da sociedade, ou seja, casar-se com o objetivo essencial de gerar herdeiros para seu esposo, beneficiando o *oikos*, e perpetuar a espécie humana. É extremamente importante admitir a sua relevância para que houvesse equilíbrio na interação dos seres, pois, se, por um lado, ao homem destinava-se o que era externo, por outro, era necessário alguém para as incumbências do que era interno. Sendo assim, percebe-se que, na Atenas Clássica, a mulher tinha uma importância considerável na estrutura familiar.

2.1. Esposas, concubinas, *hetairai* e prostitutas: os diversos papéis da mulher na Grécia Clássica

Na Atenas Clássica, a mulher poderia desempenhar variados papéis, entre os quais os de esposas, *hetairai*, concubinas e prostitutas. Em lados opostos encontravam-se a esposa e a *hetaira*; enquanto uma representava o privado, a outra, o público. A bem-nascida via-se obrigada a fazer o que era imposto pela sociedade e tinha

⁹ ‘τὰς μὲν γὰρ ἑταίρας ἡδονῆς ἕνεκ’ ἔχομεν, τὰς δὲ παλλακὰς τῆς καθ’ ἡμέραν θεραπείας τοῦ σώματος, τὰς δὲ γυναῖκας τοῦ παιδοποιεῖσθαι γνησίως καὶ τῶν ἐνδον φύλακα πιστὴν ἔχειν.’ (DEMOSTHENES. 59. *Against Neaera*, 122)

muitas privações. Já a cortesã, por ter uma vida livre, era-lhe possível acompanhar homens em banquetes e participar de eventos sociais.

As donzelas não poderiam encontrar-se com rapazes, nem mesmo com os da própria família¹⁰, e muito menos escolher com quem casar, ficando tal função a cargo dos pais, que visavam sempre ao bem do *oîkos* e da *pólis*. O casamento, como base da sociedade, tinha como principal objetivo a procriação para a manutenção da espécie humana e continuação dos cultos familiares. Para a legitimação do casamento, o pai entregava um dote, uma quantia elevada em dinheiro, ao novo tutor, que passaria a ser o marido. Portanto, quem não tinha dote, não poderia se tornar esposa legítima, e, neste caso, poderia viver como concubina¹¹. Após a transferência da noiva da casa do seu pai para a do esposo, o casamento era consumado, com um único objetivo: a procriação de filhos legítimos.

A vida das esposas atenienses, como já fora dito, era repleta de restrições. Elas não possuíam direitos políticos e nem administrativos, os quais ficavam a cargo de um tutor que, geralmente, era seu próprio pai, e passava a tutela para o marido após o matrimônio. Antes do casamento, as jovens ficavam restritas aos *gineceus*, onde aprendiam as funções de uma esposa para a administração do *oîkos*. Quando se casavam, o homem dizia quais eram as suas tarefas específicas, complementando o seu aprendizado. Isso pode ser comprovado em *Econômico*, do prosador Xenofonte, por meio do diálogo entre Iscômaco e Sócrates, em que o primeiro reproduz o que dissera a sua esposa quando se casara:

[35] δεήσει μέντοι σε, ἔφην ἐγώ, ἔνδοντε μένειν καὶ οἷς μὲν ἄν ἔξω τὸ ἔργον ἢ τῶν οἰκετῶν, τούτους συνεκπέμπειν, οἷς δ' ἄν ἔνδον ἔργον ἐργαστέον, [36] τούτων σοι ἐπιστατητέον, καὶ τά τε εἰσφερόμενα ἀποδεκτέον καὶ ἃ μὲν ἄν αὐτῶν δέη δαπανᾶν σοὶ διανεμητέον, ἃ δ' ἄν περιττεύειν δέη, προνοητέον καὶ φυλακτέον ὅπως μὴ ἢ εἰς τὸν ἐνιαυτὸν κειμένη δαπάνη εἰς τὸν μῆνα δαπανᾶται. καὶ ὅταν ἔρια εἰσενεχθῆ σοι, ἐπιμελητέον ὅπως οἷς δεῖ ἱμάτια γίγνηται. καὶ ὅ γε ξηρὸς σῆτος ὅπως καλῶς ἐδώδιμος γίγνηται ἐπιμελητέον.

(XENOPHON. *Economics*, VII, 35-6)

(...) Deverás, sim, disse-lhe eu, ficar em casa, mandar que saiam de casa os servos cujo trabalho seja fora e tomar conta dos que devem trabalhar em casa; deverás receber o que foi trazido de fora, separar o que for preciso

¹⁰ FLACELIÈRE, Robert. *A vida quotidiana dos gregos no século de Péricles*. Tradução de Virginia Motta. Lisboa: Edição Livros do Brasil, S/D, p. 65.

¹¹ VRISSIMTZIS, Nikos A. *Amor, Sexo & Casamento na Grécia Antiga*. Tradução de Luiz Alberto Machado Cabral. São Paulo: Odysseus, 2002. p. 64.

gastar e, quanto às sobras, deverás pensar o que fazer com elas, cuidando que o gasto previsto para um ano não seja feito em um mês. E, quando a lã chegar às tuas mãos, debes cuidar que tenham túnicas os que delas precisam. Deves cuidar também que dos grãos de trigo resulte boa comida. (XENOFONTE, *Econômico*, VII, 35-6)

Nas relações conjugais, a esposa era a soberana absoluta do *oîkos*, ficando delimitada ao espaço doméstico, enquanto o exterior destinava-se ao homem. A vida sexual do casal não era importante para a manutenção do casamento, já que este não existia por amor, mas como uma espécie de contrato, que visava à aquisição de bens para a família e à manutenção da espécie. Os homens, de modo geral, dormiam com suas esposas uma média de três vezes ao mês¹² e a atração entre marido e mulher era algo incomum. A mulher deveria ser fiel ao seu esposo; o marido, por sua vez, como fora dito, poderia relacionar-se com *hetairai* e prostitutas, e isso era comum na Grécia Antiga. Segundo Ana Lúcia Curado (2011, p.14), na introdução de *Contra Neera*, de Demóstenes, o casamento com uma mulher-cidadã legitimava a vida social e pública do homem, contudo, a mulher legítima não poderia desempenhar outros papéis femininos também importantes, como o de parceira amorosa, amiga, confidente e companheira de festas e banquetes. Isso não significava que, quando regressasse a casa, não desejaria receber a atenção e o carinho de sua própria esposa.

Nota-se, ainda, que o dote era muito importante e gerava a diferença entre casamento legítimo e concubinato. A donzela que não tinha dote, não poderia se tornar esposa legítima, e, nesse caso, poderia viver como concubina¹³. Segundo Vrissimtzis, as concubinas eram mulheres livres ou imigrantes de outras cidades – *metecos* – e, em alguns casos, raros, escravas. O concubinato era permitido pelas esposas, sobretudo com relação à procriação, e incentivado pelo Estado em casos de esterilidade da mulher, ou procriação apenas de meninas. O autor afirma, ainda, que, no caso das estrangeiras que se tornavam concubinas, estas não poderiam se casar com um ateniense, a partir de 451 a. C. Devido a este fato, a famosa *hetaira* Aspá-

¹² PLUTARCO. *Sólon*: Legislador de Atenas. Tradução e notas de Lôbo Vilela. Lisboa: Editorial Inquérito, 1939. p. 46.

¹³ VRISSIMTZIS, Nikos A. *Amor, sexo & casamento na Grécia Antiga*. Tradução de Luiz Alberto Machado Cabral. São Paulo: Odysseus, 2002, p.64.

sia¹⁴ teria sido concubina de Péricles e não sua esposa, já que era originária de Mileto.

Nos banquetes – *sympósia* –, ceias exclusivamente para o público masculino em que se debatiam temas políticos e filosóficos, os homens também contavam com a presença feminina. As esposas não podiam aparecer em público, o que não acontecia com as *hetairai*, que, em outras palavras, eram prostitutas de nível elevado. É importante salientar que as *hetairai* possuíam uma educação diferenciada, eram mulheres livres¹⁵ que podiam escolher seus clientes, geralmente da mais alta classe. As prostitutas ou *porné*, termo derivado do verbo *pérnemi*, exportar ou vender mercadorias e escravos, eram, em sua maioria, escravas vendidas no mercado, procuradas por homens da mais baixa categoria.

Hetaira, em grego, significa companheira e as *hetairai* nada mais eram do que verdadeiras companheiras dos homens. Frequentavam os banquetes e eventos sociais e possuíam elevado nível de instrução. Tinham proveniência da classe dos escravos, entretanto, as mais renomadas eram de outras cidades da Grécia, em que podiam desfrutar de liberdade maior do que na Atenas Clássica.

Diferentemente das esposas, as *hetairai* gozavam de liberdade para conversar com homens, podendo participar, assim, da vida social dos mesmos¹⁶. Compartilhavam com seus amantes a vida pública e privada e, nos banquetes, entretinham os presentes com suas coreografias e “serviços especiais”¹⁷.

As *hetairai* possuíam um padrão de vida pomposo, coberto de luxo e regalias, uma vez que cobravam excessivamente caro pelos seus serviços, não dando, portanto, o direito a qualquer um de usufruir da sua companhia. Muitas das *hetairai* tiveram como amantes homens célebres, que podiam pagar seus altos preços.

De acordo com Henrique de Kock, Frinéia fora uma das mais famosas *hetairai* da Antiguidade e tivera como amantes o advogado Hipérides e o escultor Praxíteles, que utilizara os contornos da cortesã, devido à sua beleza e perfeição, para repre-

¹⁴ “Péricles, após separar-se de sua esposa legítima, passou a viver com Aspásia, que seria mais moça do que ele cerca de trinta anos e que sobre ele exerceu grande influência.” (MARINHO, 1978, p.68)

¹⁵ “A liberdade auferida pelas heteras, prostitutas e concubinas era limitada. Quando se fala de liberdade para estas mulheres, fala-se com o propósito de as comparar às esposas legítimas, jovens e mães de família que viviam circunscritas ao lar e às tarefas inerentes à vida de uma família.” (DEMÓSTENES, 59. *Contra Neera*, p. 15)

¹⁶ DESCHANEL, Emile. *As Cortesãs Gregas*. Tradução, adaptação e notas de Luiz Toledo Machado. São Paulo: Editora Alba, S/D. pp. 13-68.

¹⁷ Cf. Vrissimtzis, 2002.

sentar a deusa Afrodite¹⁸. Hipérides, por sua vez, livrou-a de um processo jurídico que poderia levá-la à morte. Tal acusação feita por Eutías, que somente tinha da bela Frinéia o desprezo e o despeito de vê-la com o seu rival, não teve sucesso, já que, diante dos juízes, visando a livrá-la, o jurista arrancara-lhe as vestes, deixando-a totalmente desnuda, afirmando que nem mesmo Afrodite a recusaria como irmã. Tomados pela tamanha beleza de Frinéia, os juízes proclamaram a sua inocência¹⁹.

Frinéia era muito rica e poderosa. Sua riqueza era tão grandiosa, que a cortesã se propusera a reconstruir a cidade de Tebas, destruída por Alexandre, sob a condição de ser exposta uma placa com os dizeres: *Destruída por Alexandre e reconstruída por Frinéia*²⁰. Sua oferta, entretanto, não fora aceita, pois tal atitude poderia causar certo constrangimento às senhoras de uma cidade instituída por uma *hetaira*.

Outra cortesã bastante conhecida, Aspásia ficara famosa por ter sido amante de Péricles e mestre de Sócrates. A *hetaira* possuía a arte da retórica e tinha muita facilidade para abordar questões políticas e filosóficas²¹. Diz-se que a cortesã era quem preparava vários dos discursos de Péricles. Em *Menexeno*, de Platão, há um diálogo entre Sócrates e a personagem-título, em que o primeiro afirma ter uma mestra brilhante:

MENEΞΕΝΟΣ

ἢ οἶε οἴός τ' ἂν εἶναι αὐτὸς εἰπεῖν, εἰ δέοι καὶ ἔλοιτό σε ἡ βουλή;

ΣΩΚΡΑΤΗΣ

καὶ ἐμοὶ μὲν γε, ὦ Μενέξενε, οὐδὲν θαυμαστὸν οἴω τ' εἶναι εἰπεῖν, ὡς τυγχάνε
ι διδάσκαλος οὖσα οὐ πάνυ φαύλη περὶ ῥητορικῆς, ἀλλ' ἥπερ καὶ διαφέροντα
τῶν Ἑλλήνων, Περικλέα τὸν Ξανθίππου.

MENEΞΕΝΟΣ

τίς αὕτη; ἢ δῆλον ὅτι Ἀσπασίαν λέγεις;

ΣΩΚΡΑΤΗΣ

λέγω γάρ.

(PLATO. *Menexenus*, 235e)

MENEXENO:

- Mas... tu saberias falar na Assembleia, se fosse preciso e se fosses o escolhido?

SÓCRATES:

- Claro que sim, Menexeno! Sobretudo porque tenho por mestra uma mulher que é oradora brilhante, da qual se diz, até que ensinou suas artes a vários

¹⁸ KOCK, Henrique de. *Cortesãs Célebres*. Tradução de Vieira Neto. Rio de Janeiro: Edico, 1973. pp. 38-68.

¹⁹ MARINHO, Inezil Penna. *Grandes Julgamentos da Grécia Antiga: Aspásia, Sócrates, Frinéia*. Brasília – Distrito Federal: Horizonte Editora, 1978. pp. 87-110.

²⁰ Cf. Kock, *Op. cit.* 1973, p. 38.

²¹ Cf. Deschanel, S/D.

excelentes oradores, e até ao maior de todos os gregos, a Péricles, filho de Xantipo.

MENEXENO:

- Estás falando de Aspásia, não é?

SÓCRATES:

- Ela mesma. (...)

(PLATÃO, *Menexeno*, 235e)²²

Péricles amava tanto Aspásia, que deixara sua esposa Crisila para viver com a *hetaira*. Plutarco afirma que a cortesã tinha um grande poder de persuasão e que seu amante vivia rendido aos seus caprichos²³. Segundo Inezil Marinho, os inimigos políticos, objetivando atingi-lo, levantaram uma acusação contra Aspásia, que, como acontecera com Frinéia, também poderia ser condenada à morte. Sendo assim, para julgar a cortesã, mil e quinhentos jurados formaram o Tribunal, e a defesa ficara por conta do próprio orador que derramara lágrimas diante dos presentes, comovendo-os. A *hetaira* fora absolvida por falta de comprovação²⁴.

Verifica-se, portanto, que a mulher na Atenas Clássica poderia desempenhar papéis diversificados. Às esposas cabia viver em função da *pólis* e do *oîkos*, a fim de perpetuar a espécie humana. Entretanto, para proporcionar prazer aos homens existiam as *hetairai*, que não eram prostitutas simples; elas acompanhavam seus amantes em banquetes e eventos sociais, homens célebres, como Péricles, Hipérides e Praxíteles, ao contrário da mulher-cidadã; tinham uma vida libertina e pública e possuíam elevado nível intelectual, sendo capazes, inclusive, de debater assuntos políticos e filosóficos. Diante do exposto, observa-se que, na Atenas Clássica, *hetaira* e esposa desempenhavam papéis bem diversos: enquanto a primeira proporcionava prazer, a segunda, filhos legítimos.

²² PLATÃO. *Menexeno*. In: FITTIPALDI, Caia. *Platão e o discurso 'dos políticos': O Menexeno*. Anais de Filosofia Clássica, vol. 2, nº 4, 2008. pp. 65-6.

²³ PLUTARCO. *Péricles: Reformador de Atenas*. Tradução e notas de Lôbo Vilela. Lisboa: Editorial Inquérito, 1939.

²⁴ MARINHO, Inezil Penna. *Grandes Julgamentos da Grécia Antiga: Aspásia, Sócrates, Frinéia*. Brasília – Distrito Federal: Horizonte Editora, 1978. pp. 65-70.

3. Penélope: esposa virtuosa e fiel

Na literatura grega, há muitas personagens femininas consideradas importantes, fato este que torna de grande relevância os estudos de gênero nas pesquisas voltadas para a Antiguidade Clássica. Não há dúvidas de que entre as várias personagens existentes, Penélope merece destaque. A esposa de Odisseu é uma mulher de muito valor, pois apresenta características de esposa perfeita e, ainda, um lado ardiloso como diferencial. Por esta razão, propõe-se, neste capítulo, a análise da postura de Penélope em relação à família, na medida em que se possa caracterizá-la como uma esposa ideal.

Sabe-se que Homero influenciou muitos dos poetas gregos e que foi considerado o grande educador da Grécia, tamanha a importância da sua obra. Kitto (1960) afirma que, durante séculos, as obras *Ilíada* e *Odisseia* foram a base da educação grega, tanto nas escolas quanto na vida cultural dos cidadãos comuns, por meio das quais podiam ser regulados problemas morais e de comportamento. Encontram-se, por exemplo, nos poemas homéricos, passagens importantes que caracterizam a condição feminina na sociedade homérica, e os episódios em que Penélope aparece, ilustram não só o comportamento de uma esposa frente ao *oîkos* e as tarefas que a ela competem, como também os procedimentos relacionados ao matrimônio.

A *Odisseia* relata a longa jornada de Odisseu, que tenta retornar à pátria após a conquista e destruição da cidade de Troia por parte dos aqueus. Nesta obra, o próprio herói narra suas aventuras no decorrer dos dez anos de peregrinação, enquanto no seu palácio, em Ítaca, Penélope esforça-se para desvencilhar-se dos pretendentes que querem tomá-la como esposa. Nos primeiros cantos da epopeia, Telêmaco, filho de Odisseu, surge como um rapaz maduro, capaz de tomar decisões relacionadas ao palácio de seu pai, e sua mãe aparece como uma mulher íntegra, que sabe administrar seu *oîkos* e que se mantém fiel ao seu esposo, mesmo após vinte anos de separação.

Na *Telemaquia*²⁵, a primeira aparição da esposa de Odisseu dá-se, ainda, no canto I. Penélope, ao ouvir Fêmio entoar uma cantiga acerca do retorno de Troia, sai de seus aposentos, acompanhada de duas servas e dirige-se ao cantor, pedindo-lhe que o mesmo mude o assunto de sua canção para que ela não sofra por lembrar-se

²⁵ A *Telemaquia* corresponde aos quatro primeiros cantos da *Odisseia*, e narra as viagens de Telêmaco a Pilos e a Esparta em busca de notícias do pai Odisseu.

da ausência do seu querido esposo Odisseu. Todavia, Telêmaco a repreende, mandando-lhe retornar a seus aposentos para dar continuidade às suas atividades, pois somente a ele cabe tal decisão:

Μῆτερ ἐμή, τί τ' ἄρα φθονέεις ἐρίηρον ἀοιδὸν
τέρπειν ὅππῃ οἱ νόος ὄρνυται; (...)
Ἄλλ' εἰς οἶκον ἰούσα τὰ ὅ αὐτῆς ἔργα κόμιζε,
ἰστόν τ' ἠλακάτην τε, καὶ ἀμφιπόλοισι κέλευε
ἔργον ἐποίχεσθαι· μῦθος δ' ἄνδρεςσι μελήσει
πᾶσι, μάλιστα δ' ἐμοί· τοῦ γὰρ κράτος ἔστ' ἐνὶ οἴκῳ.
(HOMER. *The Odyssey*, I, 347-59)

Mãe, por que causa proíbes que o nobre cantor nos deleite
com o que à mente lhe vem? (...)
Para o teu quarto recolhe-te e cuida dos próprios labores,
roca e tear, e às criadas solícitas ordens transmite
para que tudo executem, que aos homens importa a palavra,
mormente a mim, a quem cumpre assumir o comando da casa.
(HOMERO. *Odisseia*, I, 346-59)²⁶

É possível perceber, nessa passagem, uma das características mais importantes da condição da mulher no Período Homérico, a reclusão. A esposa tinha grande importância na sociedade, entretanto, esta deveria ser discreta e recatada, cabendo-lhe, apenas, tarefas relacionadas ao interior da casa, enquanto ao homem, eram-lhe atribuídas as atividades externas, decisões importantes com relação às questões políticas e administrativas e, também, à vida pública. Segundo Claude Mossé (1984), a senhora do *oikos* “reina sobre a casa e as suas servas. É ela quem acolhe os visitantes, (...) [e] quem preside à preparação das refeições. Durante o resto do tempo, fia e tece rodeada pelas suas servas”²⁷.

Penélope passava grande parte do tempo em seus aposentos, dedicando-se à arte do tear e somente aparecia em público em reuniões de caráter religioso ou familiar, sempre reservada e acompanhada de suas servas. Quando a personagem surge diante dos pretendentes para falar com o aedo, percebe-se que a mesma se mantém distante, tem o rosto coberto por um véu e a companhia de escravas, como assim diz Homero:

²⁶ HOMERO. *Odisseia*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 2 ed. São Paulo: Ediouro, 2009.

²⁷ MOSSÉ, Claude. *A Grécia Arcaica de Homero a Ésquilo*. Tradução de Emanuel Lourenço Godinho. Portugal: Edições 70. 1984, p. 60-1.

Τοῦ δ' ὑπερωϊόθεν φρεσὶ σύνθετο θέσπιν ἀοιδὴν
κούρη Ἰκαρίοιο, περίφρων Πηνελόπεια·
κλίμακα δ' ὑψηλὴν κατεβήσετο οἴο δόμοιο,
οὐκ οἴη, ἅμα τῇ γε καὶ ἀμφίπολοι δὺ' ἔποντο.
Ἦ δ' ὅτε δὴ μνηστῆρας ἀφίκετο διὰ γυναικῶν,
στῆ ῥα παρὰ σταθμὸν τέγεος πύκα ποιητόιο,
ἅντα παρειάων σχομένη λιπαρὰ κρήδεμνα·
ἀμφίπολος δ' ἄρα οἱ κεδνὴ ἐκάτερθε παρέστη.
(HOMER. *The Odyssey*, I, 328-34)

Dos aposentos de cima escutou a cantiga divina
a virtuosa Penélope, filha de Icário. Resolve,
sem mais demora, baixar pelas longas escadas da casa,
mas não sozinha, que duas criadas ao lado a acompanham.
Quando a divina mulher o lugar alcançou onde estavam
os pretendentes, no umbral se deteve de bela feitura,
tendo as feições escondidas num véu de lavor admirável.
(HOMERO. *Odisseia*, I, 328-34)

Os ambientes exclusivamente femininos ficavam em uma parte separada da casa, para evitar o contato das mulheres com os homens. Isso fica evidente quando Telêmaco sai em busca de notícias do pai, e pede a Euricléia que, após doze dias completos, se sua mãe perceber sua ausência, conte-lhe, então, sobre a viagem²⁸.

O matrimônio é outro ponto de bastante relevância abordado na *Odisseia*. Ainda na primeira parte do poema, os pretendentes, nobres de Ítaca e de ilhas próximas, invadem o palácio, a fim de que Penélope escolha aquele que melhor lhe agrade para se casar. A esposa de Odisseu, no entanto, não tinha o desejo de contrair novas bodas e de deixar o palácio, fato que estava causando grande prejuízo econômico à família, pois aqueles realizavam demasiados festejos, utilizando, assim, comida e bebida advindas do palácio e diminuindo a herança de Telêmaco, que, cada vez mais, se mostrava insatisfeito com a postura dos pretendentes, como se infere do excerto a seguir:

Οὐδέ τι κείνον ὀδυρόμενος στεναχίζω
οἶον, ἐπεὶ νύ μοι ἄλλα θεοὶ κακὰ κήδε' ἔτευξαν.
Ὅσσοι γὰρ νήσοισιν ἐπικρατέουσιν ἄριστοι,
Δουλιχίω τε Σάμῃ τε καὶ ὑλήεντι Ζακύνθῳ,
ἦ δ' ὄσσοι κραναὴν Ἰθάκην κάτα κοιρανέουσιν,
τόσσοι μητέρ' ἐμὴν μνῶνται, τρύχουσι δὲ οἶκον.
Ἦ δ' οὐτ' ἄρνείται στυγερὸν γάμον οὔτε τελευτὴν
ποιῆσαι δύναται· τοὶ δὲ φθινύθουσιν ἔδοντες
οἶκον ἐμόν· τάχα δὴ με διαρραΐσουσι καὶ αὐτόν.

²⁸ *Odisseia*, II, 372-6.

(HOMER. *The Odyssey*, I, 243-51)

(...) Mas não é só por ele que tanto me aflijo;
por mim também, pois a mim outros males os deuses reservam.
Quantos senhores dominam possantes nas ilhas de em torno,
não só em Samo, também em Dulíquio e em Zacinto selvosa,
ou mesmo em Ítaca o mando repartem, de chão pedregoso,
todos a mãe me requestam e os bens, sem cessar, dilapidam.
Ela, nem sabe, de vez recusar essas núpcias odientas,
nem, de uma vez, aceitar. E, com isso, eles gastam sem pausa
minha fazenda. A mim próprio, por certo, bem cedo consomem.
(HOMERO. *Odisseia*, I, 243-51)

Segundo a tradição, um pretendente, quando interessado em uma donzela, deveria oferecer presentes ao pai da mesma que almejava ter como esposa. Tais presentes estabeleciam uma aliança entre as duas famílias, o que, contrariamente, acontece no palácio de Ítaca²⁹, já que os pretendentes invadem o palácio e nenhum presente oferecem a Penélope, consumindo os bens pertencentes a Odisseu e sua família.

Ainda na Telemaquia, o filho de Odisseu, seguindo a orientação de Palas Atena, convoca uma assembleia para comunicar aos pretendentes a sua decisão de ir em busca de notícias de seu pai. Telêmaco, então, segue os conselhos da deusa e parte em direção a Pilo para interrogar Nestor, e, depois, Menelau, em Esparta. Faz-se mister ressaltar, contudo, que a deusa de olhos glaucos aconselha, ainda, Telêmaco a dar um marido à sua mãe, no caso de ter morrido o divo Odisseu. No canto XVIII, Penélope diz a um dos seus pretendentes que o marido lhe aconselhara a tomar conta do palácio e cuidar bem de seus pais, enquanto Telêmaco não tivesse atingido a idade adulta. Quando isso acontecesse, no entanto, poderia casar-se novamente, deixando, pois, o palácio.

Penélope, por todo o tempo, recusa-se a voltar para a casa de seu pai Icário e cumprir com todas as formalidades que exigem o matrimônio, como assim diz Telêmaco a Pisénor durante a assembleia:

μητέρα μοι μνηστήρες ἐπέχραον οὐκ ἐθελούση,
τῶν ἀνδρῶν φίλοι υἱες, οἱ ἐνθάδε γ' εἰσὶν ἄριστοι,
οἱ πατρὸς μὲν ἐς οἶκον ἀπερρίγασιν νέεσθαι
Ἰκαρίου, ὡς κ' αὐτὸς ἐεδνώσαιτο θυγάτρα,

²⁹ Cf. MOSSÉ, 1984, p. 61.

δοίη δ' ᾧ κ' ἐθέλοι καί οἱ κεχαρισμένος ἔλθοι·
(HOMER. *The Odyssey*, II, 50-4)

A seu mau grado se vê minha mãe assediada e forçada
por pretendentes que filhos se dizem dos nobres da terra,
aos quais repugna buscar a morada de Icário, pai dela,
a quem compete fixar os presentes por modo aprazível,
para entregá-la a quem bem lhe aprouver e lhes seja do agrado.
(HOMERO. *Odisseia*, II, 50-4)

Entretanto, a esposa de Odisseu não poderia permanecer sozinha no palácio, uma vez que o marido estava ausente e o filho já se encontrava na maioridade. A Telêmaco, que havia se tornado, então, um homem e sucessor do pai, caberia a tarefa de casar a mãe³⁰, e o fato de não escolher um pretendente colocava em risco a casa e fazenda que, constantemente, era consumida por aqueles que queriam tê-la como esposa.

É importante destacar que as mulheres, na sociedade homérica, não eram responsáveis por si próprias. Cabia aos pais escolher um pretendente para as filhas se casarem e estes cuidavam dos procedimentos necessários à realização de tal rito. Isso fica claro no momento em que Palas Atena aconselha Telêmaco a procurar seu pai, dizendo que, no caso do divo Odisseu ter morrido, a mãe deve retornar à casa do pai que haveria de cuidar das núpcias e do dote vultoso³¹.

Apesar de a personagem Penélope ser recatada, como já foi dito, e se encaixar nos padrões femininos de seu tempo, é importante destacar, em alguns momentos, o seu caráter um tanto ardiloso. No canto II, por exemplo, identifica-se, nas palavras de Antínoo, a primeira demonstração da astúcia dessa personagem, quando ele afirma que, passados quase quatro anos, a mãe de Telêmaco continua a manter esperanças nos pretendentes, prometendo que vai escolher um entre todos para casar-se³². Penélope, entretanto, engana a todos com uma estratégia bastante ardilosa: coloca-se a tecer um grande manto para a mortalha de Laertes, durante o dia, e, à noite, desfaz o trabalho realizado, como assim continua a dizer Antínoo:

στησαμένη μέγαν ἴστον ἐνὶ μεγάροισιν ὕφαινε,
λεπτὸν καὶ περίμετρον· ἄφαρ δ' ἡμῖν μετέειπε·
κούροι ἐμοὶ μνηστῆρες, ἐπεὶ θάνε δῖος Ὀδυσσεύς,
μίμνετ' ἐπειγόμενοι τὸν ἐμὸν γάμον, εἰς ὃ κε φᾶρος

³⁰ Cf. MOSSÉ, 1984, p. 62.

³¹ *Odisseia*, I, 275/8.

³² *Odisseia*, II, 88-91.

ἐκτελέσω, μή μοι μεταμώνια νήματ' ὄληται,
Λαέρτη ἦρωι ταφήιον, εἰς ὅτε κέν μιν
μοῖρ' ὀλοή καθέλησι τανηλεγέος θανάτοιο,
μή τίς μοι κατὰ δῆμον Ἀχαιιάδων νεμεσήνη.
(HOMER. *The Odyssey*, II, 94-101)

Tendo estendido no quarto uma tela sutil e assaz grande,
pôs-se a tecer. A seguir nos engana com estas palavras:
Jovens, porque já não vive Odisseu, me quereis como esposa.
Mas não insteis sobre as núpcias, conquanto vos veja impacientes,
té que termine este pano, não vá tanto fio estragar-se,
para mortalha de Laertes herói, quando a Moira funesta
da Morte assaz dolorosa o colher e fizer extinguir-se.
(HOMERO. *Odisseia*, II, 94-101)

O plano inspirado por Atena é, porém, descoberto por uma serva e revelado pela mesma aos pretendentes, que já não aguentavam esperar pela resposta da suposta viúva. Julga-se importante ressaltar, também, que a fama de Penélope de boa esposa não surgiu simplesmente pelo seu comportamento exemplar com relação ao marido, mas, também, pela sua capacidade de agir com astúcia em relação aos pretendentes, característica reconhecida por Antínoo, no canto II:

εἰ δ' ἔτ' ἀνιήσει γε πολὺν χρόνον υἱᾶς Ἀχαιῶν,
τὰ φρονέουσ' ἀνὰ θυμόν, ὃ οἱ πέρι δῶκεν Ἀθήνη
ἔργα τ' ἐπίστασθαι περικαλλέα καὶ φρένας ἔσθλας
κέρδεά θ', οἷ' οὐ πώ τιν' ἀκούομεν οὐδὲ παλαιῶν,
τάων αἰ πάρος ἦσαν εὐπλοκαμίδες Ἀχαιαί, (...).
(HOMER. *The Odyssey*, II, 115-120)

Se persistir, desse modo, a enganar por mais tempo os Aquivos,
muito orgulhosa dos dons com que Atena a brindou a mancheias,
não só de méritos de alma, senão de perícia em trabalhos,
como de astúcia, por modo qual nunca soubemos das outras
que em priscos tempos viveram, Aquivas de tranças bem-feitas, (...).
(HOMERO. *Odisseia*, II, 115-19)

De acordo com a abordagem feita até aqui, torna-se claro que Penélope foi, em todos os aspectos, um modelo de mulher a ser seguido, pois é recatada, fiel, e usa muito bem o seu lado ardiloso, quando o que ela tem de mais precioso, o *oîkos*, está sob ameaça. Por meio das passagens analisadas, nesse trabalho, é possível observar, também, aspectos do comportamento da mulher na sociedade homérica, os quais muitas semelhanças apresentam com relação às mulheres-cidadãs do período

clássico. Sendo assim, nota-se que, tanto no período arcaico, quanto no ático a mulher deveria ser discreta, recatada, fiel ao esposo e soberana do *oikos*.

4. Helena de Troia: uma mulher, uma traição e uma guerra

O nome Helena nos remete, imediatamente, à rainha de Esparta que, motivada pela deusa Afrodite, abandona o marido Menelau e a filha Hermíone para fugir com Páris Alexandre até Troia. Paris é filho do rei Príamo e da rainha Hécuba, soberanos de Troia. Segundo o conhecido mito, ele foi destinado por Zeus a escolher, entre Afrodite, Atena e Hera, qual seria a mais bela e a entregar a uma destas o pomo de ouro, enviado pela deusa da discórdia, Éris, no dia do casamento de Tétis e Peleu. Conta-se que, com o objetivo de persuadir Páris, cada uma das deusas oferece-lhe, respectivamente, o amor da mulher mais bela, a sabedoria e a vitória nos combates e, por fim, a soberania em toda a Ásia.

O jovem escolhe, então, o amor da mais bela mulher: Helena, a rainha de Esparta e esposa de Menelau, e, por causa dessa decisão, a filha de Leda é representada, na Literatura Grega, como uma mulher infiel. Páris, guiado por Afrodite, chega a Esparta, onde é bem recebido por Menelau. Dias depois, após sua chegada, o espartano necessita viajar para assistir aos funerais de um parente, e, na sua ausência, o troiano foge com Helena, levando-a para Troia. Quando o rei descobre, decide, então, ir até o reino de Príamo, a fim de negociar o retorno de sua esposa; contudo, o acordo é negado, e, assim, começa a duradoura guerra de Troia³³, guerra esta que levou à morte muitos guerreiros, como Heitor, filho de Príamo, e Aquiles, filho da deusa Tétis e do mortal Peleu.

Não podemos afirmar, contudo, que Helena tenha fugido por vontade própria, cedendo aos encantos de Páris, ou por feitiços de Afrodite. O fato é que a filha de Leda reunira os tesouros que pudera e, deixando sua filha, Hermíone, seguiu para Troia. Na *Ilíada*, de Homero, é evidente que a esposa de Menelau tenha sido levada à força pelo troiano, sendo, apenas, uma vítima da deusa do amor e instrumento da justiça divina, a fim de punir os homens e gerar um equilíbrio demográfico, como veremos mais adiante. Por causa da *áte*, a cegueira da razão, a personagem abandonara seu lar, mas é possível observar, no canto III, versos 172 a 176, que a mulher,

³³ Vale lembrar que Helena já havia sido raptada duas vezes antes do rapto de Páris Alexandre, e que, ao atingir a idade de se casar, muitos pretendentes a cercaram, entre eles, Menelau, o escolhido, e Odisseu, o marido de Penélope. Tíndaro dera a sua filha o direito de escolher um pretendente e, devido ao conselho do rei de Ítaca, pedira aos demais que respeitassem a decisão da jovem e que, caso fosse necessário, eles socorressem o marido da tindárida. (BRANDÃO, 1989, p. 74)

chorando, em uma conversa com Príamo, retoma sua razão e, arrependida, assume a culpa pelos males ocorridos em Troia. Vejamos:

ἄιδοιός τέ μοι ἔσσι φίλε ἔκυρὲ δεινός τε·
ὥς ὄφελεν θάνατός μοι ἄδειν κακὸς ὀππότε δεῦρο
υἱεὶ σῶ ἑπόμην θάλαμον γνωτούς τε λιποῦσα
παῖδά τε τηλυγέτην καὶ ὀμηλικίην ἑρατεινήν.
ἀλλὰ τὰ γ' οὐκ ἔγένοντο· τὸ καὶ κλαίουσα τέτηκα.
(HOMERO. *Iliad*, III, vv. 172-6)

Sinto por ti, caro sogro, respeito e vergonha a um só tempo.
Bem melhor fora se a Morte terrível me houvesse levado,
antes de haver consentido em seguir o teu filho, deixando
o lar e o esposo, minha única filha e as gentis companheiras.
Mas não devia assim ser; essa a causa de todo o meu choro.
(HOMERO. *Iliada*, III, vv. 172-6)

Helena reconhece que Páris era dono, somente, de uma beleza estonteante, e reclama o fato de o troiano não ser destemido, um herói capaz de lutar contra os gregos para defender sua amada e a pátria. No canto IV, da *Iliada*, nos versos 344 a 356, Helena desabafa a respeito de seu atual marido com o grande herói Heitor, quando este vai até seu palácio, pedir ao irmão que lute junto a ele contra os gregos:

δᾶερ ἑμείο κυνὸς κακομηχάνου ὀκρυόεσσης,
ὥς μ' ὄφελ' ἦματι τῶ ὅτε με πρῶτον τέκε μήτηρ
οἴχεσθαι προφέρουσα κακὴ ἀνέμοιο θύελλα
εἰς ὄρος ἢ εἰς κύμα πολυφλοίσβοιο θαλάσσης,
ἔνθά με κῦμ' ἀπόερσε πάρος τάδε ἔργα γενέσθαι.
αὐτὰρ ἔπει τάδε γ' ὦδε θεοὶ κακὰ τεκμήραντο,
ἀνδρὸς ἔπειτ' ὄφελλον ἀμείνονος εἶναι ἄκοιτις,
ὃς ἤδη νέμεσίν τε καὶ αἴσχεα πόλλ' ἀνθρώπων.
τούτῳ δ' οὐτ' ἄρ νῦν φρένες ἔμπεδοι οὐτ' ἄρ' ὀπίσσω
ἔσσονται· τῶ καὶ μιν ἐπαυρήσεσθαι οἴω.
ἀλλ' ἄγε νῦν εἴσελθε καὶ ἔξεο τῶ δ' ἐπὶ δίφρῳ
δᾶερ, ἐπεὶ σε μάλιστα πόνος φρένας ἀμφιβέβηκεν
εἴνεκ' ἑμείο κυνὸς καὶ Ἀλεξάνδρου ἔνεκ' ἄτης (...).
(HOMER. *Iliad*, VI, vv. 344-56)

Caro cunhado da pobre que apenas desgraças espalha!
Fora melhor, bem melhor, que, no dia em que a luz vi do mundo,
arrebataado me houvesse de casa terrível procela,
para nos montes lançar-me, ou nas ondas do mar ressonante
que me teriam tragado, evitando esta grande catástrofe.
Mas, já que os deuses quiseram que tudo, desta arte, se desse,
fosse-me, então, destinado marido melhor, que as censuras
dos companheiros sentisse e a desonra daí decorrente.
Este, porém, nunca teve firmeza, nem nunca há de tê-la.

Por isso mesmo, estou certa, há de os frutos colher dentro em breve.
Mas entra, um instante sequer, e repousa sobre esta cadeira,
caro cunhado, que mais do que todos, suportas o peso
das consequências de **minha cegueira** e da **culpa de Páris**³⁴ (...).
(Homero. *Ilíada*, VI, vv. 344-56)

Na *Odisséia*, no canto IV, versos 259 a 264, vê-se, mais uma vez, uma Helena arrependida, quando ela relata a Telêmaco a história do famoso “cavalo de Troia”. Neste trecho, a esposa de Menelau afirma que, enquanto as troianas, desesperadas, lamentavam o fim de Troia, ela se alegrava, pois seu retorno a Esparta estava próximo:

ἐνθ' ἄλλαι Τρωαὶ λίγ' ἐκώκουν· αὐτὰρ ἐμὸν κῆρ
χαῖρ', ἐπεὶ ἤδη μοι κραδίη τέτραπτο νέεσθαι
ἄψ οἰκόνδ', ἄτην δὲ μετέστενον, ἦν Ἀφροδίτη
δῶχ', ὅτε μ' ἤγαγε κείσε φίλης ἀπὸ πατρίδος αἴης,
παῖδά τ' ἐμὴν νοσφισσαμένην θάλαμόν τε πόσιν τε
οὔ τευ δευόμενον, οὔτ' ἄρ φρένας οὔτε τι εἶδος.
(HOMER. *The Odyssey*, IV, vv. 259-64)

“(...) Rompem em altos lamentos as outras, Troianas; contudo, muito exultei, porque o peito propenso a voltar se encontrava para o meu lar, lastimando a loucura que por Afrodite me fora dada, ao levar-me da pátria querida para Ílio, abandonando a filhinha, o meu leito de núpcias e o esposo, que nem é falta de dotes do espírito nem de beleza.”
(HOMERO. *Odisséia*, IV, vv. 259-64)

Desse modo, é importante salientar que Helena é apresentada por Homero como uma mulher imune de culpa, cumpridora, apenas, de seu destino, o que, contrariamente, não era enxergado pelos troianos, pois a filha de Zeus foi tomada como a grande causadora de todos os males ocorridos em Troia . Mas Príamo a livra de toda a culpa, dizendo a ela que a guerra ocorria, somente, por desígnios dos deuses: “Não és culpada de nada; os eternos, somente, têm culpa, / que nos mandaram a guerra dos fortes Aqueus, lacrimosa” (HOMERO. *Ilíada*, III, vv. 164-5)³⁵. Entretanto, os guerreiros gregos acreditavam que ela havia fugido com o príncipe Alexandre, desonrando o rei Menelau, como podemos verificar na fala de Nestor, ao tentar mudar os planos dos Aqueus de retornarem para casa e abandonarem a guerra, motivados pelo sonho enganoso enviado por Zeus:

³⁴ Grifos meus.

³⁵ οὔ τί μοι αἰτίη ἔσσι, θεοί νύ αἰτιοί εἰσιν / οἱ μοι ἐφώρμησαν πόλεμον πολύδακρυν Ἀχαιῶν (HOMER. *Iliad*, III, vv. 164-5)

τὼ μὴ τις πρὶν ἐπειγέσθω οἶκον δὲ νέεσθαι
πρὶν τινα παρ Τρώων ἀλόχῳ κατακοιμηθῆναι,
τίσασθαι δ' Ἑλένης ὀρμήματά τε στοναχάς τε.
εἰ δέ τις ἐκπάγλως ἐθέλει οἶκον δὲ νέεσθαι
ἀπτέσθω ἧς νηὸς εὐσσέλμοιο μελαίνης,
ὄφρα πρόσθ' ἄλλων θάνατον καὶ πότμον ἐπίσπῃ.
(HOMER. *Iliad*, II, vv. 354-9)

(...) ninguém mais insista em voltar para a pátria,
sem que, primeiro, haja ao leito subido de esposa Troiana
e ressarcido os trabalhos e o choro por causa de Helena.
Mas se houver quem ainda insista em voltar para a pátria querida,
e ouse tocar no navio anegrado, de boa coberta,
seja o primeiro a ser presa do Fado inditoso e da Morte.
(HOMERO. *Ilíada*, II, vv. 354-9)

Já Menelau talvez acreditasse mesmo que sua esposa teria sido raptada e não fugido, uma vez que, pouco mais adiante, ainda no canto II, Homero, apresentando o catálogo das naus aqueias, afirma que o chefe Menelau, percorria as fileiras de guerreiros, estimulando-os, pois “pedia-lhe o peito ardoroso vingar-se / dos sofrimentos passados por causa do rapto de Helena” (HOMERO, *Ilíada*, II, 589-90)³⁶.

Na *Ilíada*, um poema épico de guerra, fica evidenciada a *areté*³⁷ dos guerreiros gregos e troianos, tanto com relação aos combates, quanto às assembleias, em que o *anér* tem a possibilidade de demonstrar suas virtudes. Entretanto, mesmo sendo poucas as cenas internas ao palácio, é notória a virtude feminina caracterizada pela fidelidade ao esposo e ao lar, pelas mulheres administrado. Outro fator de extrema importância e que caracteriza a virtude feminina é a geração de um filho homem, que perpetua a imagem do pai, como é o caso de Telêmaco, filho de Odisseu (*Odisseia*) e Astíanax, filho de Heitor e morto em *Troianas*, por receio dos gregos que este, em idade adulta, vingasse o pai.³⁸ Helena seria, então, um modelo de mulher infiel e desvirtuosa, e, além disso, cabe ressaltar, que é mãe de uma filha, Hermíone, e

³⁶ (...) μάλιστα δὲ ἴετο θυμῶ / τίσασθαι Ἑλένης ὀρμήματά τε στοναχάς τε. (HOMER, *Iliad*, II, 589-90)

³⁷ “(...) o conceito de *areté* em Homero traz à lembrança a ideia de valentia e habilidades guerreiras, tendo em vista que, numa época de migrações e sucessivas expedições de conquista, era natural o homem sem avaliado por sua aristeia. (...) É consenso[porém,] entre os estudiosos ser tarefa difícil encontrar um equivalente na língua portuguesa para o termo grego *areté*. Embora seja constantemente traduzido por “virtude”, esse conceito, nos Poemas Homéricos, está destituído de conotação moral, como o tem na língua portuguesa. Outro aspecto a ser considerado é o fato de o vocábulo *areté* ter assumido matizes vários, condicionados (...) pelos diferentes contextos – político, econômico e social (...). Com efeito, ser possuidor de uma *areté* implicava, necessariamente, ser membro de uma aristocracia, ou seja, ter nascido neste grupo, possuir riquezas, principalmente fundiárias, e ser educado segundo os princípios da nobreza (...).” (ROSA, 2009, p. 18-20)

³⁸ SOARES, Larissa de Oliveira. Rostos de Helena na Literatura Euripidiana. In: *Aedós*. n. 12, vol. 5, 2013.

não de um nobre guerreiro, como se espera. Modelo de fidelidade e devoção encontra-se em Penélope, mulher digna e astuciosa, que, fazendo uso de uma artimanha, preserva o palácio de seu marido Odisseu, podendo ser comparada à deusa Atena.

Helena, por sua vez, chama atenção por sua beleza, beleza esta comparada à da deusa Afrodite, e que, conseqüentemente, atribuiu à esposa de Menelau o caráter de culpada pela Guerra de Troia. No canto III, da *Ilíada*, quando os anciãos do palácio do rei Príamo perceberam a chegada da filha de Zeus, que, apressada, chegara para, da alta torre, ver o combate entre Menelau e Alexandre, admirados, afirmaram ser aceitável uma guerra tão longa por tal mulher, visto que sua beleza causava-lhes a impressão de estarem diante de uma deusa imortal, ainda que estivesse com as faces recobertas por um véu³⁹.

Já na peça *Troianas*, Eurípides retrata o fim de Troia. Por meio do relato da rainha Hécuba e das outras troianas, vê-se o sofrimento que fora gerado por uma mulher infiel: a rainha Helena. O poeta assume, em sua tragédia, a famosa versão de que a esposa de Menelau tenha sido a grande causadora da guerra de Troia.

No prólogo da tragédia, Atena e Posêidon anunciam o fim de Troia, e a deusa pede ao deus dos mares que atrapalhe o retorno dos gregos à pátria, pelo fato de estes terem-na desonrado e, também, ao seu templo. Em seguida, os deuses deixam a cena e dão lugar à rainha Hécuba e ao coro composto pelas cativas troianas. É possível presenciar o sofrimento das mulheres de Troia que, amargamente, aguardavam seus destinos. A ação que precede pode ser dividida em quatro cenas principais, sendo elas:

a) Taltíbio, o arauto, traz a notícia de que todas as mulheres foram divididas entre os gregos, afirmando que Cassandra, a sacerdotisa virgem, seria levada por Agamêmnon; que Políxena teria servido ao túmulo de Aquiles; que Andrômaca, sozinha, iria embora com o filho de Aquiles, Neoptólemo; e que a esposa de Príamo passaria a ser escrava de Odisseu.

³⁹ HOMERO. *Ilíada*, III, vv. 141-60.

b) O arauto retorna à cena, mais uma vez, para anunciar que os gregos matariam Astíanax, filho de Andrômaca com Heitor.

c) Menelau aparece à procura de Helena, a fim de levá-la à terra helênica para matá-la.

d) O arauto retorna, trazendo consigo o corpo de Astíanax, filho de Andrômaca, e entrega-lhe à Hécuba, para que esta faça os rituais fúnebres, uma vez que a mãe já partira para outra terra, e, além disso, confirma o incêndio de Troia.

Cumpramos ressaltar que a terceira parte desta tragédia é a mais importante para esta pesquisa, uma vez que Helena, objeto deste estudo, apresenta a Menelau seu discurso de defesa, por meio de um debate com rainha Hécuba.

Menelau aparece no verso 860 para buscar Helena, lamentando-se por, um dia, tê-la tido como esposa. Ele pede aos companheiros, que lhe seguem, para que a arrastem pelos cabelos até a nau que a transportará a Esparta, o que chama atenção pelo fato de o castigo da mulher que gerara a guerra de Troia ser postergado. Por que Menelau não castigara a tindárida diante das troianas que ali se encontravam? O único consolo que estas cativas poderiam ter seria a morte de Helena, a qual elas não presenciaram, visto que a tindárida fora levada para Esparta em vida. Poder-se-ia se pensar na possibilidade de Menelau desistir da ideia e continuar a viver com a bela mulher. Isso pode ser comprovado nos versos 890 a 894, nos quais Hécuba ressalta a beleza da filha de Leda, que poderia reverter a situação em que ela se encontrava:

ἘΚΑΒΗ

αἰνῶ σε, Μενέλα', εἰ κτενεῖς δάμαρτα σὴν.

ὄραν δὲ τήνδε φεῦγε, μή σ' ἔλη πόθω.

αἰρεῖ γὰρ ἀνδρῶν ὄμματ', ἐξαιρεῖ πόλεις,

πίμπρησιν οἴκους· ὧδ' ἔχει κηλήματα.

ἐγὼ νιν οἶδα, καὶ σύ, χοῖ πεπονθότες.

(EURIPIDES, *The Trojan Women*, vv. 890-4)

HÉCUBA:

Elogio-te, Menelau, se matares tua esposa.

Mas escapa de vê-la, que não te agarre com o anseio.

Pois agarra o olhar dos homens, arrasa cidades,

queima casas: assim é teu charme.

Eu a conheço, e tu e os que sofreram.
(EURÍPIDES, *Troianas*, vv. 890-4)

Com base no discurso de Hécuba, fica evidenciado como Helena é vista pelas troianas. A filha de Zeus é tão bela quanto culpada; sua beleza que, apesar de ter levado Troia ao fim, poderia gerar-lhe a liberdade, a qual a deixaria impune pela fuga e desonra a Menelau. A filha de Leda suplica, então, ao seu esposo o direito de explicar-se, pois é inocente e sua morte será vã. Seu pedido é defendido pela rainha de Troia, que também pede ao espartano o direito de resposta. Menelau concede-lhes, então, o direito.

Afirmando ser vítima das artimanhas dos deuses, Helena inicia sua autodefesa. Primeiramente, a filha de Leda culpa pela origem de todos os males ocorridos a rainha Hécuba, por ter dado à luz Páris, o príncipe que lhe arrancara do palácio em Esparta. Em segundo lugar, a mulher afirma que, se o camponês encarregado de matar o filho da rainha tivesse cumprido a ordem de tirar-lhe a vida, Troia não teria sido destruída. Por conseguinte, Helena conta ao rei de Esparta a famosa história do pomo de ouro, na qual Páris Alexandre fora destinado a entregá-lo à mais bela entre as deusas: Afrodite, Hécuba ou Atena. Entre as ofertas por elas oferecidas, o troiano escolhera Afrodite, que lhe prometera o amor de Helena e, aproveitando-se da ausência de Menelau, levava a rainha de Esparta para o palácio do rei Príamo. Deste modo, a bela mulher defende a si própria, afirmando que não poderia ser a grande culpada pelo início da guerra, uma vez que o plano fora arquitetado pela deusa Afrodite.

É importante mostrar que, diferentemente da atitude adotada nos Poemas Homéricos, em que Helena sempre toma para si toda a culpa pelos acontecimentos que geraram a Guerra de Troia, nesta peça, a filha de Zeus tenta se defender, responsabilizando os deuses, justificando que fora manipulada, a fim de que fugisse de Esparta com Páris. A rainha troiana não se sensibiliza com a justificativa da esposa de Menelau e afirma que a mulher se entregara a sua própria loucura, a sua *aphrosýne*, fazendo uma alusão ao nome da deusa Afrodite, quando partira de Troia, quebrando a hipótese de que fora levada à força de seu palácio por Páris e até zombando de Helena:

ἘΚΑΒΗ

Κύπριν δ' ἔλεξας - ταῦτα γὰρ γέλωσ πολὺς -
ἐλθεῖν ἐμῶ ξὺν παιδὶ Μενέλεω δόμους.
οὐκ ἂν μένουσ' ἂν ἤσυχός σ' ἐν οὐρανῶ
αὐταῖς Ἀμύκλαις ἤγαγεν πρὸς Ἴλιον;
ἦν οὐμὸς υἱὸς κάλλος ἐκπρεπέστατος,
ὁ σὸς δ' ἰδὼν νιν νοῦς ἐποιήθη Κύπρις·
τὰ μῶρα γὰρ πάντ' ἐστὶν Ἀφροδίτη βροτοῖς,
καὶ τοῦνομ' ὀρθῶς ἀφροσύνης ἄρχει θεᾶς.
ὄν εἰσιδοῦσα βαρβάρους ἐσθήμασι
χρυσῶ τε λαμπρὸν ἐξεμαργώθησ φρένας.
(EURIPIDES, *The Trojan Women*, vv. 983-92)

HÉCUBA:

Cípris disseste (isto é muito engraçado)
ter vindo com meu filho ao lar de Menelau.
Permanecendo, plácida, no céu, a ti não
levaria a Ílion (...)
Meu filho era o mais notável em beleza,
E teu espírito, vendo-o, tornou-se Cípris:
Sim, toda loucura é Afrodite aos mortais,
e é correto que o nome da deusa reja a afronesia.
Vislumbrando-o, com trajes bárbaros
e com ouro luzindo, teu espírito desvairou-se.
(EURÍPIDES, *Troianas*, vv. 983-92)

Após o término do discurso de Helena, a rainha Hécuba dá início à sua acusação, afirmando ser uma estupidez o que a esposa de Menelau dissera, pois nunca as deusas Hera e Palas Atenas disputariam por causa da aparência e que, portanto, seu argumento deveria ser ignorado. Em seguida, defendendo a beleza de seu filho Páris, a rainha acusa Helena de ter se apaixonado por ele, tornando-se a própria deusa Cípris, a qual gera a loucura aos mortais.

Hécuba questiona, ainda, o fato de Helena ter seguido seu filho a contragosto: “Onde então foste pega ou pendurada numa corda / ou afiando uma espada, o que uma nobre mulher / teria feito, ansiando pelo antigo amado?” (EURÍPIDES, *Troianas*, vv. 1012-4)⁴⁰. Ela, também, critica a esposa de Menelau por estar adornada para reencontrar seu marido, ao invés de demonstrar sofrimento pelo ocorrido em Troia:

ἘΚΑΒΗ

ἦν χρῆν ταπεινὴν ἐν πέπλων ἐρειπίοις,

⁴⁰ ποῦ δῆτ' ἐλήφθης ἢ βρόχους ἀρτωμένη / ἢ φάσανον θήγους, ἃ γενναία γυνή / δράσειεν ἂν ποθοῦσα τὸν πάρος πόσιν; (EURIPIDES, *The Trojan Women*, vv. 1012-4)

φρίκη τρέμουσαν, κρατ' ἀπεσκυθισμένην
ἐλθεῖν, τὸ σῶφρον τῆς ἀναιδείας πλέον
ἔχουσαν ἐπὶ τοῖς πρόσθεν ἡμαρτημένοις.
(EURIPIDES, *The Trojan Women*, vv. 1025-8)

HÉCUBA:
Era necessário humilde, em trapos de peplos,
de horror tremendo, de cabeça raspada
vires, mais modéstia do que imprudência
adotando por causa dos erros anteriores.
(EURÍPIDES, *Troianas*, vv. 1025 – 8)

Por fim, Hécuba termina seu discurso fazendo uma súplica: “morra quem quer que traia seu esposo” (EURÍPIDES, *Troianas*, V. 1032)⁴¹.

Menelau toma, enfim, a palavra, concordando com Hécuba, ao afirmar que Helena partiu de bom grado de sua casa, envergonhando-o. Sua esposa, suplica que compreenda sua versão, a única verdade existente. A rainha troiana intervém, orientando o rei espartano para não embarcar no mesmo navio que Helena, pois sua beleza poderia gerar a sua liberdade e, então, a bela mulher não pagaria por todos os males cometidos. Menelau acata o pedido de Hécuba e garante-lhe que sua esposa pagará pela desonra. Termina, assim, o episódio de Helena nesta tragédia.

Por meio dos excertos analisados nesse capítulo, tanto do poema homérico *Ilíada*, quanto da tragédia *Troianas*, de Eurípides, vê-se que Helena foi apresentada como a grande causadora da guerra de Troia, tomando-se como origem da fama de mulher infiel a disputa entre as três deusas pelo pomo de ouro. Nota-se, assim, que todos os males causados no reino de Príamo, tanto para os gregos, quanto para os troianos, ocorreram devido aos planos dos deuses, e, por causa disso, Páris escolheu Afrodite para conseguir o amor da mais bela mulher, a qual teria sido raptada ou teria fugido por estar sendo conduzida pela *áte*, a cegueira da razão. Cabe ressaltar que Helena, no poema épico, mostra-se arrependida, como se tivesse recuperado sua própria razão, e sente-se culpada por ter abandonado seu marido e filha. Nas *Troianas*, contudo, a polêmica personagem, retira de si toda a culpa, atribuindo à rainha Hécuba, por ter gerado Alexandre; ao camponês, que não cumprira as ordens de matar o príncipe, quando, ainda, era um bebê; e, por fim, aos deuses, afirmando ter sido, apenas, uma vítima. Apesar de ser apresentada, na Literatura

⁴¹ (...) θνήσκειν ἥτις ἂν προδῶ πόσιν. (EURIPIDES, *The Trojan Women*, v. 1032.)

Grega, como uma mulher infiel, Helena também fora apresentada como uma esposa virtuosa, exemplo de fidelidade, como pode ser visto no capítulo a seguir.

5. Helena: uma nova Penélope

Helena é bastante conhecida não só por sua beleza, mas também pela fama de ter sido a grande causadora da Guerra de Troia. Segundo o famoso mito, ela abandonara sua pátria para fugir com Páris Alexandre, desonrando seu esposo Menelau. Contudo, há outra versão do mito, apresentada pelo poeta dramático, Eurípidés, na tragédia *Helena*. Nesta versão, a bela mulher não teria ido para as terras troianas, mas para o Egito, mais precisamente, para o palácio de Proteu, que, enquanto estava vivo, a protegia. Após a sua morte, Helena precisa desvencilhar-se de seu filho Teoclímeneo, que desejava desposá-la, mas, devido à sua astúcia, consegue voltar a Esparta com seu marido Menelau, conferindo à peça um final feliz.⁴²

Vários são os mitos que envolvem tal personagem e justificam o fato de Helena ter fugido para Troia com o filho de Príamo. Conta-se que, durante o casamento de Tétis e Peleu, a deusa Éris lançou sobre os convidados o pomo da discórdia, destinado à mais bela. As deusas Hera, Atena e Afrodite desejavam ter para si a maçã de ouro, e Zeus, não querendo envolver-se na disputa, deixou a escolha nas mãos de Páris Alexandre, príncipe troiano. Cada uma das deusas, a fim de serem escolhidas, fazem, então, ofertas diversas a Páris: a esposa de Zeus, Hera, oferece-lhe a realeza e a soberania em toda a Ásia; Atena, por sua vez, a vitória nos combates e a sabedoria; Afrodite, a deusa do amor, promete-lhe a arte da sedução e a mais bela mulher, Helena, como se infere dos versos seguintes:

ΕΛΕΝΗ

(...) ἦλθον τρεῖς θεαὶ κάλλους ἔπει
Ἰδαῖον εἰς κευθμῶν Ἀλέξανδρον πάρα,
Ἥρα Κύπρις τε διογενῆς τε παρθένος,
μορφῆς θέλουσαι διαπεράνασθαι κρίσιν.
τοῦμόν δὲ κάλλος, εἰ καλὸν τὸ δυστυχές,
Κύπρις προτείνασ' ὡς Ἀλέξανδρος γαμῆι,
νικᾷ. λιπῶν δὲ βούσταθμ' Ἰδαῖος Πάρις
Σπάρτην ἀφίκεθ' ὡς ἔμὸν σχήσων λέχος.
(EURIPIDES. *Helena*, vv. 23-30.)

HELENA:

(...) Por causa da beleza, três deusas,

⁴² Segundo Kitto (1972, pp. 227-8), a tragédia grega está intimamente ligada aos problemas da vida, ou seja, pautada em realidades. Em Eurípidés, não existe uma realidade trágica, mas teatral; assim, encontramos situações artificiais, com as quais nos emocionamos somente no momento da peça, porque temos ciência da ficção e da irrealidade. O autor ressalta, ainda, a importância do final feliz, que assume o lugar da *cátarsis* trágica.

chegam a uma gruta do monte Ida, junto de Alexandre, Hera, Cípris e a virgem, filha de Zeus, desejando pôr fim ao julgamento da aparência. Por causa da minha beleza, se é belo o infortúnio, Cípris, tendo oferecido que Alexandre comigo casaria, vence. Paris, tendo deixado os estábulos do monte Ida, chega a Esparta, na esperança de que teria meu leito. (EURÍPIDES. *Helena*. vv. 23-30.)

Diante das ofertas das deusas, Páris decide dar o pomo de ouro à Afrodite. Após tal episódio, o príncipe parte em direção a Esparta, em busca de sua amada, e, lá chegando, é muito bem recebido por Menelau, que lhe oferece muitos presentes e honrarias, até que um dia, o rei precisa fazer uma viagem, e Helena o substitui como anfitriã. É neste momento que a rainha foge com (é raptada por) Páris. Tendo retornado o esposo e descoberto o acontecido, este decide, então, buscar Helena em Troia de forma amigável. Como Páris não permite que a bela mulher parta, dá-se, assim, início à Guerra de Troia.

Eurípides, por sua vez, traz uma versão do mito mais favorável à Helena, de modo que, a personagem, não teria sido a “cadela traidora”⁴³, termo utilizado pelo próprio autor em outra tragédia, *Andrômaca*, mas a fiel e digna esposa, que sofre por ter sido difamada em toda a Hélade e, também, afastada de seu esposo Menelau e de sua filha Hermíone. Segundo o poeta trágico, Hera não teria ficado satisfeita com o fato de Páris ter escolhido Afrodite para receber a maçã de ouro e, por vingança, teria entregado ao filho de Príamo uma imagem feita de bruma, para substituir a verdadeira Helena, que fora levada por Hermes para o Egito, ficando aos cuidados de Proteu.

No prólogo da peça, a personagem Helena, em poucos versos, situa o local onde se encontra, se apresenta, recorda o passado e interroga seu futuro. A bela mulher inicia seu discurso, descrevendo as terras em que se encontra. O cenário é o Egito, às margens do Nilo, uma terra bárbara. A partir do verso 16, ela se apresenta, dizendo a qual terra pertence e quem são seus pais, Tíndaro e Leda, e ainda seu pai celeste, Zeus. Em seguida, Helena narra a famosa disputa pelo pomo de ouro, como já fora dito, na qual Hera, Atena e Afrodite almejavam o prêmio que era destinado à mais bela mulher. Alexandre, encarregado de resolver a questão, escolhe Afrodite, que lhe havia prometido o amor da bela esposa de Menelau. Mas Hera, por

⁴³ BRANDÃO, Junito de Souza. *Helena: o eterno feminino*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989, p. 97.

despeito, cria uma imagem feita de bruma, semelhante à tindárida e a entrega a Páris: “É julga me ter, uma visão vazia, já que não me possui” (EURÍPIDES, *Helena*, vv. 35-6)⁴⁴. A esposa de Zeus manda, então, Hermes levar a verdadeira Helena para o Egito, e a Proteu encarrega de proteger Helena.

ΕΛΕΝΗ

“Ἡρα δὲ μεμφθεῖσ’ οὐνεκ’ οὐ νικᾷ θεὰς
ἐξηνέμωσε τᾶμ’ Ἀλεξάνδρῳ λέχη,
δίδωσι δ’ οὐκ ἔμ’ ἀλλ’ ὁμοιώσασ’ ἐμοὶ
εἶδωλον ἔμπνου οὐρανοῦ ξυυθεῖσ’ ἄπο
Πριάμου τυράννου παιδί (...).
Λαβῶν δέ μ’ Ἑρμῆς ἐν πτυχαῖσιν αἰθέρος
νεφέλη καλύψας - οὐ γὰρ ἠμέλησέ μου
Ζεὺς - τόνδ’ ἐς οἶκον Πρωτέως ἰδρύσατο,
πάντων προκρίνας σωφρονέστατον βροτῶν,
ἀκέραιον ὡς σώσαιμι Μενέλεω λέχος.
(EURIPIDES. *Helen*, vv. 31-48.)

HELENA:

Hera, repreendida por não ter vencido as deusas,
livrou meu leito nupcial para Alexandre
e deu-lhe não a minha pessoa, mas um fantasma
semelhante a mim, que ela criou da nuvem
para o filho do rei Príamo (...).
Hermes, tendo me tomado nas dobras do éter,
E tendo me envolvido com nuvem – pois não me negligenciou
Zeus – me instalou no palácio de Proteu,
tendo escolhido o mais sensato de todos os mortais
para que eu conserve meu leito intacto em benefício de Menelau.
(EURÍPIDES. *Helena*. vv. 31-48.)

Helena continua seu monólogo, demonstrando tamanho sofrimento pelo fato de ter sido considerada a culpada por todos os males ocorridos em Troia e questiona o motivo de ainda estar viva, respondendo, em seguida, que vive porque Hermes lhe prometera que, um dia, ela estaria junto do marido em Esparta, e tudo terminaria bem⁴⁵. Por fim, a filha de Leda apresenta suas angústias, pois seu protetor já não mais vivia e seu filho havia se tornado uma ameaça. Restava-lhe, então, esconder-se atrás do túmulo daquele que a protegia, para salvar a si própria e seu casamento e aguardar seu futuro incerto.

⁴⁴ ‘(...)καὶ δοκεῖ μ’ ἔχειν, / κενὴν δόκησιν, οὐκ ἔχων. (...)’ (EURIPIDES. *Helen*. vv. 35-6).

⁴⁵ Neste trecho, Eurípides já anuncia que sua peça não terá um fim trágico, mas um final feliz.

ΕΛΕΝΗ

Ἔως μὲν οἶν φῶς ἡλίου τόδ' ἐβλεπεν
Πρωτεύς, ἄσυλος ἢ γάμω· ἐπεὶ δὲ γῆς
σκότῳ κέκρυπται, πᾶσις ὁ τοῦ τεθνηκότος
θηρᾶ γαμῆν με. Τὸν πάλαι δ' ἐγὼ πόσιν
τιμῶσα Πρωτέως μνήμα προσπίτνω τόδε
ἰκέτις, ἴν' ἀνδρὶ τὰμὰ διασώσῃ λέχη,
ὥς, εἰ καθ' Ἑλλάδ' ὄνομα δυσκλεῆς φέρω,
μή μοι τὸ σῶμά γ' ἐνθάδ' αἰσχύνῃν ὄφλη.
(EURIPIDES. *Helen*, vv. 60-7.)

HELENA:

Enquanto a aurora expunha sua luz, e Proteu a via,
meu casamento era sagrado, mas quando ela se pôs
sob a terra com meu protetor, o filho dele
deseja casar-se comigo. Há muito tempo, eu honro
meu esposo e, suplicante, prostro-me diante deste túmulo de Proteu,
a fim de que meu leito seja conservado intacto para um único homem,
para que, mesmo que por toda a Hélade, eu carregue comigo uma fama
desprovida de glória, aqui, meu corpo não seja condenado por desonra.
(EURÍPIDES. *Helena*. vv. 60-7.)

É importante ressaltar que o contexto em que Eurípides viveu o motivou a utilizar a versão do mito do Egito. Junito de Souza Brandão (1989) justifica que Eurípides teria feito do casal, Helena e Menelau, um representante de seu rancor e desprezo por Esparta, por conta da Guerra do Peloponeso (431-404 a.C.). Sabe-se que tal guerra ocorrera entre Esparta e Atenas, por vinte e sete anos e se estendeu por quase toda a Grécia. No período em que compusera suas peças, a guerra havia causado muitas perdas e já durava muitos anos. A fim de contestá-la, Eurípides foi aquele que mais reagiu à situação, fazendo críticas em muitas de suas tragédias, como é o caso de *Helena*. Ainda que o poeta tivesse condenado a filha de Zeus em outras peças, como em *Andrômaca*, *Troianas* e *Hécuba*, nesta, ele a absolve, apresentando a bela mulher como uma vítima dos deuses.

Em 412 a.C., quando *Helena* é encenada pela primeira vez, o clima entre os atenienses era de grande pesar, devido ao desastre da Expedição à Sicília, findada em 413 a.C., a qual marca o início do declínio do império ateniense. Eurípides, então, desejando a paz entre Atenas e Esparta, criou, assim, a referida peça, apresentando a esposa de Menelau como inocente, de modo a enfatizar que a tão longa guerra, entre gregos e troianos, fora vã, assim como a guerra por que passavam, a qual já durava vinte anos. Pode-se afirmar, então, que o poeta faz, nessa tragédia, sua forte crítica à guerra.

Embora não fosse considerado o melhor dos poetas para Aristóteles, por muitos estudiosos contemporâneos Eurípides foi considerado o mais crítico dos tragediógrafos, sobretudo nas peças *Ifigênia de Táuride* e *Helena*, por vezes consideradas romanescas ou aventurosas, ou, ainda, como classifica Kitto, tragicomédias⁴⁶, por apresentarem certas características inovadoras, que as diferenciam dos modelos antigos e convencionais da tragédia. Maria de Fátima Sousa e Silva, nos *Ensaio sobre Eurípides*, afirma que estas peças se assemelhavam pela ligeireza e aparato cênico às comédias e, ao mesmo tempo, partilhavam com elas as preocupações críticas.⁴⁷ Jacqueline de Romilly, no seu livro *La Tragedia Griega*, resume, em poucas palavras, como se classifica a tragédia de Eurípides, pois, segundo a autora:

(...) podemos decir es que las primeras tragedias de Eurípides parecen más clásicas, más exclusivamente dominadas por una gran figura trágica, como Medea, Fedra o Hécuba; y que, cuanto más avanzamos, se desarrolla una mayor variedad y más se multiplican las innovaciones de todo tipo.
(ROMILLY, 2011, p.149.)

(...) pode-se dizer que, as primeiras tragédias de Eurípides parecem mais clássicas, mais exclusivamente dominadas por uma figura trágica, como Medeia, Fedra ou Hécuba, e que, quanto mais avançamos, se desenvolve uma maior variedade, e inovações de todo tipo se multiplicam.
(ROMILLY, 2011, p.149.)

Com relação ao mito utilizado por Eurípides, é importante destacar que essa versão do mito não foi criada pelo poeta trágico. Junito de Souza Brandão (1989) afirma que a ideia de transformar Helena em um *eídolon*, ou seja, um fantasma, e de transportá-la para o Egito tenha aparecido em uma palinódia⁴⁸, supostamente de Estesícoro, na qual ele afirma que a mulher não abandonara seu esposo e nem fora para Troia. Dessa palinódia somente um fragmento foi conservado e encontra-se no *Fedro*, de Platão⁴⁹:

οὐκ ἔστ' ἔτιμος λόγος οὗτος,
οὐδ' ἔβας ἐν νηυσὶν εὐσέλμοις
οὐδ' ἴκεο Πέργαμα Τροίας.
(PLATO. *Phaedrus*, 243 a13 – b2)

Esse discurso não é verdadeiro:

⁴⁶ Kitto também inclui nesta lista as peças *Alceste* e *Íon* (KITTO, 1972, p. 221-53).

⁴⁷ Cf. SILVA, 2005, p. 243-4.

⁴⁸ Palinódia é um poema, no qual o autor se retrata daquilo que disse em outro poema.

⁴⁹ BRANDÃO, Junito de Souza. *Helena: o eterno feminino*. Petrópolis: Vozes, 1989, pp. 107-8.

nem foste nas naus de belos bancos,
nem chegaste à fortaleza de Troia.
(PLATÃO. *Fedro*, 243 a13-b2)⁵⁰

Tal versão pode ser encontrada, também, em Heródoto, no Livro II, de *Histórias*, no qual o autor afirma que, outrora, Helena, filha de Tíndaro, tenha vivido no Egito. Páris, após raptar a rainha, tentando regressar à pátria, é levado pelos ventos contrários até o Egito. Ao chegar lá, é acusado por seus escravos de ter desonrado Menelau. Proteu, soberano daquela terra, confisca, então, as riquezas roubadas de Esparta e protege Helena, até que, um dia, Menelau possa encontrá-la. A Páris dá três dias para deixar suas terras, juntamente aos seus servidores. Assim, o príncipe chega a Troia sem a bela mulher⁵¹.

Depois de ser condenada à morte e apresentada como uma mulher infiel, em *Troianas*, na peça *Helena*, a personagem sofre pelo fato de ter sido a "causadora" de tantos males, como os ocorridos em Troia, e por ter seu nome difamado em toda a Hélade. Além disso, recusa-se a aceitar a proposta de casamento de Teoclímeno, filho de Proteu, visto que desejava se manter fiel ao seu legítimo esposo Menelau. Convém salientar que Eurípides não apresenta a personagem como culpada, mas como um prêmio, um símbolo de vingança e um pretexto. Helena foi prêmio ofertado por Afrodite a Páris; serviu como um meio de vingança de Hera contra o príncipe troiano e, também, Afrodite, e surgiu como um pretexto para aliviar a Mãe-Terra da grande multidão de mortais e trazer fama ao herói grego Aquiles.

Segundo Brandão (1989, p.69), quando a Mãe-Terra, fatigada por tantos males causados pelos homens, pedia uma providência, os deuses os puniam, às vezes com água e fogo, um recurso menos catastrófico, outras, com a guerra, uma opção que poderia dar fim a uma população inteira. Desse modo, Zeus, depois de ter desencadeado a Guerra de Tebas, não obtendo o resultado esperado, e influenciado por sua segunda esposa, Têmis, teria dado a mão da deusa Tétis a um mortal, que, juntos, gerariam um herói, Aquiles. O deus teria, ainda, uma filha, Helena, que suscitaria a discórdia e provocaria a Guerra de Troia. Helena, seria, então, inocente, uma vez que a guerra teria sido um plano dos deuses, objetivando um determinado fim.

⁵⁰ GOMES, Vanessa de Araújo. A citação da Palinódia de Estesícoro no *Fedro* de Platão. In: *Codex: Revista de Estudos Clássicos*. v. 3, n.1, 2011. pp. 69-77.

⁵¹ HERÓDOTO. *Histórias*. Tradução de J. Brito Broca. Coleção Clássicos Jackson. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc. Volumes XXIII e XXIV, 1950. Digitalizado por eBooksBrasil, 2006, parágrafos 113-20.

Eurípides utiliza, em sua tragédia, este motivo para justificar a guerra entre gregos e troianos, como pode ser verificado nos versos a seguir:

ΕΛΕΝΗ

(...) τὰ δ' αὖ Διὸς
βουλεύματ' ἄλλα τοῖσδε συμβαίνει κακοῖς·
πόλεμον γὰρ εἰσήνεγκεν Ἑλλήνων Χθονὶ
καὶ Φρυγῖ δυστήνοισιν, ὡς ὄχλου βροτῶν
πλήθους τε κουφίσειε μητέρα χθόνα
γνωτόν τε θεῖη τὸν κράτιστον Ἑλλάδος.
(EURIPIDES, *Helen*, vv. 36-41.)

Helena:

(...) Por outro lado, as decisões de Zeus
desse modo, outras coisas determinaram com os seguintes males:
a guerra, pois, trouxe à terra dos helenos
e aos desafortunados frígios, para aliviar
a Mãe Terra da grande multidão de mortais
e para fazer o mais forte da Hélade ficar conhecido.
(EURÍPIDES, *Helena*, vv. 36-41)

Na peça, após o monólogo de abertura feito por Helena, Teucro entra em cena admirado com o palácio de Proteu, até que se depara com Helena. Assustado com tamanha semelhança entre a mulher que tinha diante de si e aquela que causara a tão longa guerra que lhe tirara o irmão, Ájax, ele lhe profere palavras ofensivas, afirmando que a mataria se não estivesse em terra estrangeira.⁵² Entretanto, à medida que conversava com a verdadeira Helena, constatava que não havia nada em comum entre as duas, ao contrário, tinha diante de si uma mulher digna e respeitável, como é possível observar nos versos que se seguem:

ΤΕΥΚΡΟΣ

Ἑλένη δ' ὅμοιον σῶμ' ἔχουσ' οὐ τὰς φρένας
ἔχεις ὁμοίας ἀλλὰ διαφόρους πολὺ.
κακῶς ὄλοιτο μηδ' ἐπ' Εὐρώτα ῥοὰς
ἔλθοι· σὺ δ' εἴης εὐτυχῆς αἰεὶ, γύναι.
(EURIPIDES. *Helen*, vv. 160-3)

⁵² ὦ θεοί, τίν' εἶδον ὄψιν; ἐχθίστης ὀρώ / γυναικὸς εἰκὼ φόνιον, ἣ μ' ἀπώλεσεν / πάντας τ' Ἀχαιοῦς.
θεοί σ', ὅσον μίμημ' ἔχεις / Ἑλένης, ἀποπτύσειαν.' (EURIPIDES. *Helen*, vv. 72-5)
“(...) Ó deuses, que visão eu tenho? Vejo a mais hostil mulher, / a imagem assassina que me fez pe-
recer / e a todos os aqueus. Os deuses te desprezam, tu que tens a imagem de Helena (...)” (EURÍ-
PIDES. *Helena*, vv. 72-5).

TEUCRO:

Embora tenha o corpo semelhante ao de Helena, não tens o espírito semelhante, mas muito diferente.

Que ela pereça de modo sofrível e nunca chegue às águas do Eurotas. E que tu sejas sempre afortunada, mulher.

(EURÍPIDES. *Helena*, vv. 160-3)

Barbara Cassin⁵³ faz uma distinção interessante entre as duas Helenas, a do Egito e a de Troia/Esparta: uma, de fato, é Helena, e a outra é, apenas, uma névoa de som, um fantasma. Em outras palavras, há o nome e o corpo. O nome foi raptado por Páris e navegou até Troia. Gregos e Troianos lutaram por causa do nome de Helena, o qual chegou ao Egito com Menelau. O corpo, por sua vez, sempre esteve no palácio de Proteu, protegido, honrado, intocável. Isso fica claro ainda no primeiro monólogo de Helena, quando a própria diz: “Eu não determinava a força dos troianos / nem o meu nome era, para os gregos, prêmio da lança” (EURÍPIDES, *Helena*, vv. 42-3)⁵⁴. “Não há nenhum equívoco possível, é mesmo o nome que está em Troia” (CASSIN, 2005, p. 231) e o corpo, no Egito.

Enquanto conversava com Teucro, Helena ia fazendo-lhe perguntas, a fim de descobrir sua proveniência. Sabendo que se tratava de um grego, a esposa de Menelau pergunta-lhe a respeito dos acontecimentos da guerra. O homem afirma que Troia fora destruída há quase sete anos e que dela já não havia nem vestígios. Além disso, ele lhe conta que a guerra teve a longa duração de dez anos, e que Helena fora capturada por Menelau, antes de terem desaparecido na viagem de retorno à Lacedemônia; boatos diziam, inclusive, que Menelau teria morrido. Teucro sai de cena, não antes de receber o alerta de Helena: “Foge tu / desta terra, abandonando-a, antes que o filho de Proteu / te veja, o qual governa esta terra. (...) / pois mata todo estrangeiro grego, quem quer que capture. / Mas a causa qualquer que seja, nem procures conhecer” (EURÍPIDES. *Helena*, vv. 151-6).⁵⁵ Dá-se início, então, ao párodo da peça. O coro formado pelas cativas gregas entra em cena. Helena não se conforma com o fim da vida de Menelau e sofre, sentindo-se a culpada por tantos males: “por minha causa, fonte da morte de muitos, / por causa do meu nome, que tan-

⁵³ CASSIN, Barbara. Helena, mulher e palavra. In: LESSA, Fábio de Sousa; BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha (organizadores). *Memória & Festa*. Rio de Janeiro: Mauad. 2005. pp. 316-26.

⁵⁴ ‘φρυγῶν δ’ ἐς ἀλκὴν προτέθην ἐγὼ μὲν οὐ, τὸ δ’ ὄνομα τοῦμόν, ἄθλον Ἕλλησιν δορός.’ (EURIPIDES. *Helen*, vv. 42-3).

⁵⁵ ‘(...) Σὺ δ’ ἐκλιπῶν / γῆν τήνδε φεῦγε πρὶν σε παῖδα Πρωτέως / ἰδεῖν, ὅς ἄρχει τῆσδε γῆς· (...) / Κτείνει γὰρ Ἕλλην’ ὄντιν’ ἂν λάβῃ ξένον. / Ὅτου δ’ ἕκατι, μήτε σὺ ζῆται μαθεῖν (...).’ (EURIPIDES. *Helen*, vv. 151-6)

tos sofrimentos gerou (...)" (EURÍPIDES. *Helena*, vv. 198-9).⁵⁶ A filha de Zeus condena sua própria beleza, digna dos deuses, chegando a dizer, em lamentos, que, se fosse possível, ela apagaria seus traços, e tomaria a forma de uma pessoa feia, para que, assim, os gregos esquecessem sua fama de esposa infiel. A rainha de Esparta acredita já não ser possível voltar para sua pátria e, exilada em terras bárbaras, e sem motivo para continuar a viver, questiona sua própria vida, como se a morte fosse a solução para toda sua dor: "Como eu poderia morrer belamente?" (EURÍPIDES. *Helena*, v. 298).⁵⁷ Seu turno é interrompido pelo coro que tenta lhe dar alguma esperança, uma vez que Teucro poderia estar errado quanto ao paradeiro de Menelau. Elas aconselham Helena a procurar a sacerdotisa Teónoe, para saber se seu esposo ainda vivia, e o conselho é aceito pela tindárida, que sai de cena junto às cativas gregas.

Considerando-se os versos analisados até aqui, não se pode deixar de perceber que Helena é apresentada pelo poeta trágico como uma mulher de muitas virtudes, assim como outra famosa personagem da Literatura Grega: Penélope.

José Ribeiro Ferreira, na introdução da peça de Eurípides, faz uma comparação entre Helena e a esposa de Odisseu, quando afirma que tal qual "nova Penélope"⁵⁸, a rainha de Esparta esperara pela ida de seu esposo Menelau ao Egito, para que a levasse de volta para casa. Se algumas passagens da tragédia forem observadas, essa afirmação pode ser confirmada. O primeiro ponto em comum, diz respeito ao matrimônio. A rainha de Ítaca passa quatro anos tentando desvencilhar-se de seus vários pretendentes, utilizando como artimanha, a confecção de uma mortalha para Laertes, a qual era tecida de dia e desfeita à noite, postergando, assim, o seu término. Helena, por sua vez, quando se vê assediada por Teoclímeneo, filho do falecido rei Príamo, encontra no túmulo de seu antigo protetor uma solução para fugir do faraó, o qual insiste em desposá-la, na esperança de reencontrar seu esposo e de retornar à pátria. Assim, é possível observar que Helena apresenta outra característica de Penélope, a fidelidade. A filha de Leda deseja honrar seu marido e, por isso, foge de Teoclímeneo para não se casar, pois ainda tem esperanças de que Menelau a retire do Egito e a leve de volta para casa. Da mesma maneira que a rainha de

⁵⁶ 'δι' ἐμὲ τὰν πολυκτόνον, / δι' ἐμὸν ὄνομα πολύπονον, (...)' (EURIPIDES. *Helen*, vv. 198-9)

⁵⁷ 'πῶς θάνοιμ' ἂν οὐ καλῶς;' (EURIPIDES. *Helen*, v. 298)

⁵⁸ Cf. EURÍPIDES, 2005, p.6.

Ítaca, a qual aguarda, durante vinte anos, o retorno de seu marido Odisseu, Helena também aguarda Menelau, resguardando seu leito para o rei lacedemônio.

Quando a Guerra de Troia chega ao fim, o rei espartano junto de Helena, o *eídolon*, e de sua tropa, retorna, então, para as terras espartanas. Entretanto, segundo a versão de Eurípidés, o rei não consegue chegar à sua pátria, pois o vento nunca lhe favorece, levando-o para longe de seu país até o Egito:

MENEΛΑΟΣ

Ἐγὼ δ' ἐπ' οἶδμα πόντιον γλαυκῆς ἀλὸς
τλήμων ἀλῶμαι χρόνον ὅσον περ' Ἰλίου
πύργους ἔπερσα, κὰς πάτραν χρήζων μολεῖν
οὐκ ἀξιόυμαι τοῦδε πρὸς θεῶν τυχεῖν.
Λιβύης δ' ἐρήμους ἀξένους τ' ἐπιδρομὰς
πέπλευκα πάσας· Χῶταν ἐγγὺς ᾧ πάτρας,
πάλιν μ' ἀπῶθεῖ πνεῦμα κοῦποτ' οὔριον
ἔσηλθε λαῖφος ὥστε μ' ἐς πάτραν μολεῖν.
(EURIPIDES. *Helen*, vv. 400-7.)

MENELAU:

Eu, sobre as ondas do mar cintilante,
miserável, ando errante há quanto tempo,
após ter dizimado as torres de Ílion, pedindo para voltar à pátria,
julgo não ser digno de conseguir isso da parte dos deuses.
Eu naveguei por todos os cursos impetuosos abandonados e inóspitos
da Líbia; quando estou próximo da pátria,
na direção oposta, o vento me empurra, jamais favorável
em soprar as velas para me levar de volta ao meu país.
(EURÍPIDES. *Helena*. vv. 400-7.)

Menelau vai, então, bater à porta do palácio e é recepcionado por uma anciã grosseira, que o manda ir embora, já que, sendo grego, não é bem vindo pelo rei, e, se for pego por ele, morrerá. O marido de Helena não entende o motivo de tanta rai-va da parte dos egípcios, e a serva explica-lhe que só está a cumprir ordens e diz o motivo: a filha de Zeus, a espartana, estava exilada no palácio desde antes da guerra de Troia. A velha sai de cena. O lacedemônio não consegue compreender o que estava se passando, chegando a considerar que poderiam existir duas mulheres com mesmo nome, de mesma filiação, mas haveria algum mortal, no Egito, chamado Zeus? E haveria alguma terra igualmente denominada Esparta? Ele decide, então, aguardar o senhor do palácio, escondido atrás do túmulo de Proteu.

O coro de cativas gregas retorna à cena. Helena sai do palácio e se encaminha até o túmulo do seu protetor como de costume. A rainha estava feliz pelo fato de sa-

ber que o marido ainda se encontrava vivo, quando, de repente, se depara com um homem estranho e de aspecto aterrorizante. Assustada, ela corre para se distanciar daquele que poderia ser uma ameaça, e Menelau, por sua vez, também se espanta por ser tamanha a semelhança da mulher com aquela que acreditava ser sua esposa, o *eídolon*. O rei de Esparta parte ao encontro de Helena para conversar e surpreende-se com o seu relato, no qual ela afirmava ser a filha de Leda e de Zeus⁵⁹.

Menelau recusa-se a acreditar no discurso de sua esposa, que tenta convencê-lo de todas as maneiras. Entra em cena, então, um mensageiro, o qual fazia a guarda da falsa Helena, afirmando ter se ocultado no céu⁶⁰ aquela que gerara a Guerra de Troia, como pode ser visto nos versos a seguir:

ΘΕΡΑΠΩΝ

βέβηκεν ἄλοχος σὴ πρὸς αἰθέρος πτυχᾶς
ἀρθεῖσ' ἄφαντος· οὐρανῶ δὲ κρύπτεται
λιποῦσα σεμνὸν ἄντρον οὐ σφ' ἐσώζομεν,
τοσόνδε λέξασ'· ὦ ταλαίπωροι Φρύγες
πάντες τ' Ἀχαιοί, δι' ἔμ' ἐπὶ Σκαμανδρίοις
ἀκταῖσιν Ἥρας μηχαναῖς ἐθνήσκετε,
δοκοῦντες Ἑλένην οὐκ ἔχοντ' ἔχειν Πάριν.
ἐγὼ δ', ἐπειδὴ χρόνον ἔμειν' ὅσον μ' ἐχρῆν,
τὸ μόρσιμον σῶσασα πατέρ' ἐς οὐρανὸν
ἄπειμι· φήμας δ' ἠ΄ ἄταλαινα Τυνδαρίς
ἄλλως κακὰς ἤκουσεν οὐδὲν αἰτία.
(EURIPIDES. *Helen*, vv. 605-15)

SERVO:

Sua esposa subiu para as voltas do éter,
tendo se elevado, invisível. Ocultou-se no céu,
deixando a sagrada caverna, onde nós a tínhamos a salvo,
falando isto: “Ó desventurados Frígios,
e todos vós Acaios, que junto do Escamandro, nas suas margens,
perecesteis, devido às maquinações de Hera,
supondo que Páris possuía Helena, não a tendo.
Mas eu, uma vez que permaneci o tempo que me era necessário,
Salvando (seu) destino, para o céu, meu pai, regresso,
e uma má reputação, a infeliz Tindárida ouviu de si,

⁵⁹ Apesar de Helena ser considerada filha de Tíndaro e Leda, há muito mitos que envolvem a filiação da rainha de Esparta. Conta-se que, um dia, Zeus apaixonara-se por Nêmesis. A deusa, por sua vez, a fim de fugir do senhor do Olimpo, transformava-se em diversas formas possíveis. Na última delas, metamorfoseara-se de gansa e Zeus, assumindo a forma de cisne uniu-se a ela, a qual pôs dois ovos que foram escondidos num bosque. Os ovos foram encontrados por um pastor, que o entregou ao casal Leda e Tíndaro. De um nasceram Helena e Pólux, imortais, e do outro, os mortais Clitemnestra e Castor. Em mais uma versão, diz-se que Leda se transformara em gansa, unindo-se a Zeus em forma de cisne. (BRANDÃO, 1989, pp. 68-73)

⁶⁰ Cabe ressaltar que o “céu” referido não pertence à concepção cristã, em oposição ao inferno, sendo, portanto, a morada dos deuses, o Olimpo, no qual Zeus é o soberano.

sem razão e culpa de nada.
(EURÍPIDES. *Helena*, vv. 605-15)

O discurso do fantasma de Helena, reproduzido pelo servo, traz veracidade aos argumentos da verdadeira Helena, e Menelau, admirado, corre aos braços de sua esposa, que, emocionada, o abraça alegremente. Contudo, após a verdade ser revelada, o casal chega à conclusão de que é necessário um estratagema, uma *mechané* para a fuga do Egito. Maria de Fátima Sousa e Silva afirma, em seu artigo “Ecos da Odisseia na Helena de Eurípides”⁶¹, que a esposa de Menelau aparece na obra em questão como o cérebro da conspiração. Helena “tem um talento especial para a artimanha. É ela a condutora do jogo que se trava entre realidade e ilusão, e quem sutilmente controla a alternativa vida/morte” (SILVA, 2004, p. 234). Após um longo diálogo entre os dois, Helena afirma ser necessário persuadir a profetisa Teónoe a não contar a Teoclímeno, seu irmão, sobre a presença de Menelau no palácio. Dá-se início, assim, ao ardiloso plano de fuga elaborado pela filha de Leda, que pode ser dividido em três fases, a saber:

- a) Súplica à profetisa Teónoe;
- b) Elaboração dos argumentos para sustentação do plano;
- c) Convencimento de Teoclímeno.

Cabe à Helena suplicar a Teónoe que omita de Teoclímeno o surgimento de Menelau no Egito. O discurso da rainha é longo (tem seu início no verso 894 e vai até o verso 943), no qual se pode notar a representação de uma mulher astuciosa. A imagem apresentada é a de uma mulher prostrada aos pés da profetisa, em posição de súplica. Nas suas primeiras palavras, nota-se o verbo *pítno*, correspondente ao *pípto*, que significa cair de joelhos como suplicante, prostrar-se. Para reforçar a ideia, há o substantivo *hikétis* (suplicante), que se encontra no mesmo campo semântico de *hikétes* (aquele que suplica) e *hiketeúo* (suplicar, implorar). Helena, então, dá início ao seu discurso, ajoelhando-se aos pés de Teónoe, suplicante.

ΕΛΕΝΗ
ὦ παρθέν', ἰκέτις ἀμφὶ σὸν πίτνω γόνυ

⁶¹SOUSA E SILVA, Maria de Fátima. Ecos da Odisseia na Helena de Eurípides. In: Revista *Máthesis*. Viseu. n.13. 2004. pp. 227-42.

καὶ προσκαθίζω θᾶκον οὐκ εὐδαίμονα
ὑπὲρ τ' ἑμαυτῆς τοῦδέ θ', ὃν μόλις ποτὲ
λαβοῦσ' ἐπ' ἀκμῆς εἶμι κατθανόντ' ἰδεῖν·
(EURIPIDES. *Helen*, vv. 894-7)

HELENA:

Ó donzela, suplicante, aos teus pés eu caio
e sento-me num lugar nada feliz,
por mim mesma e por ele, a quem, enfim, penosamente,
encontrando, estou prestes a ver morrer.
(EURÍPIDES. *Helena*, vv. 894-7)

Dando continuidade à sua argumentação, Helena põe em questão a piedade da filha de Proteu, pedindo-lhe que não a sacrifique em favor de Teoclímene: “Salva-o, suplico-te. Ao teu irmão, / não renunciés nunca a tua piedade, / adquirindo gratidões infelizes e injustas” (EURÍPIDES, *Helena*, vv. 900-2).⁶²

Para reforçar o pedido, a rainha de Esparta utiliza, ainda, o nome de Proteu, homem justo e bom, assegurando que este, se estivesse vivo, permitiria o seu retorno junto de Menelau. É evidente que tal recurso é mais uma estratégia para convencer Teónoe, pois, sendo justa, a profetisa honraria, também, o nome de seu pai. Helena prossegue com seu discurso, suplicando piedade e justiça, uma vez que seu nome se encontra difamado em toda a Hélade, mas que, após o seu retorno, sua fama de mulher traidora chegará ao fim. No discurso da bela mulher,

gestos e palavras comoventes são usados com propósitos emocionais e persuasivos: suplicar pela vida de um casal recentemente reunido, defender a justiça contra a violência, respeitar a vontade dos deuses e do último monarca, o velho Proteu. Por fim, Helena desdobra-se num crescendo de gritos e de perguntas retóricas para comover o seu juiz, valendo-se de todo um repertório de processos racionais e sentimentais ao mesmo tempo. (SILVA, 2004, p. 237)

Teónoe é convencida pelo casal, contudo é necessário que haja um plano suficientemente bom para fugir do Egito. É nesse momento que, mais uma vez, a astúcia de Helena se sobressai, pois é a personagem que apresentará um estratagema para enganar Teoclímene. A rainha de Esparta sugere que Menelau se apresente como um servo de sua tropa, o qual daria a notícia de sua morte ao atual soberano. Em seguida, Helena pediria ao seu pretendente uma embarcação para prestar as

⁶² ‘σῶσον δέ, λίσσομαί σε· συγγόνω δὲ σῶ / τὴν εὐσέβειαν μὴ προδῶς τὴν σὴν ποτε, / χάριτας πονηρὰς καδίκους ὠνούμενη.’ (EURIPIDES. *Helen*, vv. 900-2)

honras fúnebres no mar, afirmando ser este um costume dos helenos. Tendo, então, elaborado o plano, o casal assume seus papéis, a fim de passar veracidade diante do filho de Proteu. A filha de Leda corta os cabelos, troca os trajes brancos por negros e na face crava as unhas para demonstrar seu sofrimento. Teoclímeno entra no palácio. Helena faz um pedido de proteção à Hera, e de piedade à Afrodite; surge vestida de luto, gerando espanto no irmão de Teónoe. Este a indaga, desejando saber o motivo de seus trajes e de suas lágrimas. Colocando o plano em prática, a rainha de Esparta confirma o que o rei do Egito suspeitava: Menelau está morto! Um servo testemunhou o seu fim e, milagrosamente, chegou ao Egito trazendo-lhes esta notícia. Teoclímeno não esconde sua felicidade e Helena aproveita para fazer seu pedido, afirmando não ter mais motivos para resguardar-se, aceitando, assim, seu pedido de casamento.

Mediante as palavras de Helena, Teoclímeno permite que a personagem faça os funerais do suposto morto. Feito, então, o acordo, o plano é colocado em prática, Helena e Menelau saem de cena e são substituídos por um mensageiro, que traz consigo a notícia de que o filho de Proteu menos poderia esperar: Helena e Menelau fugiram na embarcação concedida para o ritual funerário. A astúcia de Helena levou-os para casa, concedendo à tragédia um final feliz. Desse modo, Eurípides apresenta, então, em *Helena* um *happy end*⁶³, um “movimento contrário ao esquema habitual, que progride da felicidade para o desastre” (SILVA, 2005, p. 270), e que confere à peça um desfecho incomum, um fato inusitado, que, posteriormente, se tornou uma característica dos romances. O final feliz é anunciado pelo próprio poeta no prólogo da peça, o qual afirma, por meio das palavras da esposa de Menelau, que Hermes lhe prometera que um dia ela reencontraria o marido e retornaria para Esparta. E isso, de fato, acontece.

É importante destacar que Helena, uma das mulheres mais famosas da Literatura grega, tem, nessa obra, sua honra restaurada, apresentando, também, um diferencial que faz da esposa de Menelau uma personagem de grande valor. Helena é fiel ao marido, esposa virtuosa, respeitável, honrada e, sobretudo, inteligente e ardilosa. Isto pode ser comprovado por uma fala de Teoclímeno, após a descoberta da traição do casal, quando ele diz: “Ó, infeliz! Fui vencido pelas artimanhas de mulhe-

⁶³ SOUSA E SILVA, Maria de Fátima. *Ensaios sobre Eurípides*. Lisboa: Edições Cotovia, 2005. p. 270.

res! As núpcias escaparam de mim. (...)" (Eurípides, *Helena*, vv. 1621-2).⁶⁴ Fica evidente que, por causa do plano elaborado pela astuciosa personagem, a tragédia pôde, então, ter um final feliz.

⁶⁴ ὡς γυναικείαις τέχναισιν αἰρεθεὶς ἐγὼ πάλας· / ἐκπεφύγασιν γάμοι με.' (EURIPIDES. *Helen*, vv. 1621-2.)

6. CONCLUSÃO

O presente trabalho apresentou um breve parâmetro do comportamento feminino nos períodos arcaico e clássico, de maneira a exaltar a importância da mulher na estruturação do oikos. Para isso, foi necessário buscar na literatura exemplificações que possibilitassem um estudo da rotina da esposa, suas atitudes perante o marido, suas funções, entre outros, e, para isso, foram utilizados o *Econômico*, de Xenofonte; os poemas épicos *Ilíada* e *Odisseia*, e as tragédias de Eurípides *Troianas* e *Helena*. Além disso, Helena, uma personagem emblemática da Literatura Grega, fora escolhida para análise, uma vez que tenha sido apresentada como esposa infiel na *Ilíada* e nas *Troianas*, e comparada à Penélope na peça homônima.

Com base nos textos literários, determinou-se a estrutura do trabalho, a fim de priorizar o ponto mais importante dessa dissertação: a tragédia Helena. Sendo assim, no capítulo 2, fez-se uma análise do perfil da mulher-cidadã, pautando-se no texto do prosador ático Xenofonte. No subitem 2.1, comparou-se a esposa com outra categoria de mulheres na Grécia Antiga, as mulheres livres. Já no capítulo 3, buscou-se analisar a famosa personagem Penélope, esposa de Odisseu, um exemplo de mulher virtuosa da Literatura Grega. Por fim, no capítulo 4, passou-se a estudar a polêmica personagem Helena, grande causadora da Guerra de Troia, e, para isso, utilizou-se o poema épico *Ilíada* e a peça *Troianas*, visto que o primeiro narra os fatos do último ano da guerra, e a segunda, conta os percalços sofridos pelas cativas troianas após o fim da guerra.

O capítulo 5, mais importante desse trabalho, teve como objeto de análise a tragédia *Helena*, de Eurípides, em que o poeta utilizara uma versão mais favorável à rainha de Esparta, sendo comparada à fiel e virtuosa Penélope, por causa de seu caráter e astúcia. Cabe ressaltar que o tragediógrafo representara a tindárida como uma esposa exemplar com o objetivo de contra-atacar Esparta, mostrando que a Guerra de Troia ocorrera por um motivo vão, assim como a Guerra do Peloponeso por que passavam. O poeta desejava a paz e o fim de tantas batalhas. Isso explica sua motivação para absolver a filha de Leda, na peça, representada no ano da expedição à Sicília, em que Atenas sofrera graves consequências, ainda que, em outras tragédias, a tenha apresentado como a fútil e infiel esposa, como ocorre em *Troianas*.

Por fim, é importante ressaltar que, de acordo com as passagens analisadas nesta dissertação, pôde-se observar que Helena é uma personagem de grande importância para Literatura Grega. Ela foi retratada por vários autores, que a representaram como mulher sem virtudes, uma “cadela traidora”⁶⁵, ou, opostamente, ao exemplo de Penélope, como uma esposa perfeita. Na tragédia *Helena*, objeto deste estudo, percebe-se que Eurípides oferece ao famoso mito uma nova leitura, apresentando a mais bela mulher grega com características de grande valor. Se, por um lado, vê-se uma esposa fiel, virtuosa e injustamente difamada, por outro, encontra-se uma mulher inteligente, capaz de elaborar um plano para retirar a si própria e seu marido, o guerreiro Menelau, do Egito. Helena é, então, uma personagem *polyméchanos*⁶⁶, ardilosa, determinada e repleta de engenhos e artimanhas. Além disso, é, também, uma mulher honrada e extremamente virtuosa. Desse modo, por meio da sua engenhosidade, a tragédia de Eurípides pôde, enfim, ter um final feliz.

⁶⁵ Cf. nota 43.

⁶⁶ Pessoa engenhosa, que possui muitos ardis.

7. REFERÊNCIAS

- ALSINA**, José. *Tragédia, religión y mito entre los griegos*. Barcelona: Ed. Labor, 1971.
- ANDRADE**, Cláudia Regina Lopes de. *Prazer e poder: As hetaírai na Atenas Clássica (séculos V e IV a.C.)*. Monografia apresentada ao Departamento de História, da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para obtenção do grau de Bacharel em História. Rio de Janeiro, 2003.
- BARBOSA**, Pedro da Silva. Helena e o seu simulacro: uma análise dos artifícios da personagem de Eurípides na peça Helena. In: GARCÍA, Flavio; PINTO, Marcelo; MICHELLI, Regina (orgs.). *Insólito, mitos, lendas, crenças – Anais do VII Painel Reflexões sobre o Insólito na narrativa ficcional/ II Encontro Regional Insólito como Questão na Narrativa Ficcional – Simpósios 5 – Rio de Janeiro: Dialogarts, 2011.*
- BRANDÃO**, Junito de Souza. *Helena: o eterno feminino*. Petrópolis: Vozes, 1989.
- _____. *Teatro Grego: tragédia e comédia*. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1989.
- _____. *Teatro Grego: origem e evolução*. São Paulo: Ars Poetica, 1992.
- CÂNDIDO**, Maria Regina (Org.). *Mulheres na Antiguidade*. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2012.
- CASSIN**, Barbara. Helena, mulher e palavra. In: LESSA, Fábio de Sousa; BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha (organizadores). *Memória & Festa*. Rio de Janeiro: Mauad. 2005. pp. 316-26.
- DEMÓSTENES**. 59. *Contra Neera*. Tradução de Glória Onelley. Universidade de Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2011.
- DEMOSTHENES**. 59. *Against Neaera*. In: *Demosthenes*. Translation by Norman W. DeWitt, Ph.D., and Norman J. DeWitt. Ph.D. Cambridge, MA, Harvard University Press; London: William Heinemann Ltd. 1949.
- DESCHANEL**, Emile. *As Cortesãs Gregas*. Tradução, adaptação e notas de Luiz Toledo Machado. São Paulo: Editora Alba, S/D.
- EURIPIDES**. *Helen, Phoenician Women, Orestes*. Edited and translated by David Kovacs. Harvard University Press. The LOEB Classical Library. 2002.
- EURÍPIDES**. *Helena*. Tradução do grego, introdução e notas de José Ribeiro Ferreira. Porto Alegre: Movimento, Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Coimbra, 2009.

- FITTIPALDI**, Caia. *Platão e o discurso 'dos políticos': O Menexeno*. Anais de Filosofia Clássica, vol. 2, nº 4, 2008.
- FLACELIÈRE**, Robert. *A vida quotidiana dos gregos no século de Péricles*. Tradução de Virginia Motta. Lisboa: Edição Livros do Brasil, S/D.
- GOMES**, Vanessa de Araújo. A citação da Palinódia de Estesícoro no *Fedro* de Platão. In: *Codex: Revista de Estudos Clássicos*. v. 3, n.1, 2011. pp. 69-77.
- GONÇALVES**, Ana Teresa Marques; SILVA, Tatielly Fernandes. Helena de Troia e Helena do Egito. In: CÂNDIDO, Maria Regina (Org.). *Mulheres na Antiguidade*. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2012.
- GRIMAL**, Pierre. *A Mitologia Grega*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1987.
- HERÓDOTO**. *Histórias*. Tradução de J. Brito Broca. Coleção Clássicos Jackson. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc. Volumes XXIII e XXIV, 1950. Digitalizado por eBooksBrasil, 2006.
- HOMER**. *Iliad*. Homeri Opera. 5 volumes. Oxford: Oxford University Press, 1920.
 _____. *The Odyssey*. English Translation by A.T. Murray, PH.D. 2 volumes. Cambridge: Harvard University Press; London, William Heinemann, Ltd., 1919.
- HOMERO**. *Ilíada*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Ediouro, 2009.
 _____. *Odisseia*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Ediouro, 2009.
- HORTA**, Guida Nedda Barata Parreiras. *Os gregos e seu idioma*. Tomo 1. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.
- JAEGER**, Werner Wilhelm. *Paideia: A formação do homem grego*. Tradução Artur M. Parreira. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- KITTO**, H.D.F. *A Tragédia Grega*. Vol. 2. Tradução e Prefácio de José Manuel Coutinho e Castro. Coimbra: Arménio Amado, 1960.
 _____. *Os gregos*. Tradução e Prefácio de José Manuel Coutinho e Castro. Coimbra: Arménio Amado, 1972.
- KOCK**, Henrique de. *Cortesãs Célebres*. Tradução de Vieira Neto. Rio de Janeiro: Edico, 1973.
- LESSA**, Fábio de Souza. *O matrimônio na Historiografia Grega*. In: *Revista Phoênix*. Rio de Janeiro: Sette Letras. v.2, 1996, pp. 83-9.
 _____.; BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha (organizadores). *Memória & Festa*. Rio de Janeiro: Mauad. 2005.

- MAFFRE**, Jean – Jacques. *A vida na Grécia Clássica*. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.
- MALHADAS**, Daisi; **DEZOTTI**, Maria Celeste Consolin; **NEVES**, Maria Helena de Moura (Coordenação). *Dicionário grego-português*. 5 vols. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006-2010.
- MARINHO**, Inezil Penna. *Grandes Julgamentos da Grécia Antiga: Aspásia, Sócrates, Frinéia*. Brasília – Distrito Federal: Horizonte Editora, 1978. pp. 87-110
- MELLO**, Maria Martha Pimentel de. A mulher em Homero. In: Revista *Phoênix*. Rio de Janeiro: Sette Letras. v.2, 1996, pp. 215-28..
- MORAES**, Silvia Damasceno. *O Econômico ou a busca do Universo ideal*. Dissertação de Mestrado em Língua e Literatura Grega apresentada à Coordenação de Pós-graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1980.
- MOSSÉ**, Claude. *A Grécia Arcaica de Homero a Ésquilo*. Tradução de Emanuel Lourenço Godinho. Portugal: Edições 70. 1984.
- ONELLEY**, Glória Braga. *As várias condições femininas na Atenas Clássica e a “hetaira” no KATA NEAIΠΑΣ*. Dissertação de Mestrado em Língua e Literatura Grega apresentada à Coordenação de Pós-graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1989.
- PADILHA**, Fabíola. Nas malhas de Penélope. In: *Revista Eletrônica de Estudos Literários*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, a.4, n. 4, 2008.
- PEREIRA**, Maria Helena da Rocha. A teia de Penélope. In: **OLIVEIRA**, Francisco (coordenação). *Penélope e Ulisses*. Coimbra: Associação Portuguesa de Estudos Clássicos – APEC, 2003.
- PLATO**. *Platonis Opera*. Ed. John Burnet. Oxford University Press, 1903.
- PLUTARCO**. *Péricles: Reformador de Atenas*. Tradução e notas de Lôbo Vilela. Lisboa: Editorial Inquérito, S/D.
- _____. *Sólon: Legislador de Atenas*. Tradução e notas de Lôbo Vilela. Lisboa: Editorial Inquérito, 1939.
- ROMILLY**, Jacqueline de. *La tragedia griega*. Traducción de Jordi Terré Alonso. Madrid: Editorial Gredos, 2011.
- ROSA**, Alexandre dos Santos. *O discurso de Odisseu: um diálogo entre Homero e Sófocles em Filoctetes*. Dissertação de Mestrado em Língua e Literatura Grega

apresentada à Coordenação de Pós-graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.

SOARES, Larissa de Oliveira. Rostos de Helena na Literatura Euripidiana. In: *Aedon*. n.12. v. 5. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

SOUSA E SILVA, Maria de Fátima. Ecos da Odisseia na Helena de Eurípides. In: *Revista Máthesis*. Viseu. n. 13. 2004.

_____. *Ensaíos sobre Eurípides*. Lisboa: Edições Cotovia, 2005.

_____. Eurípides, um precursor do romance grego. In: *Revista Calíope: presença clássica*. Vol. 21. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

TSURUDA, Maria Amália Longo. *A crítica erudita frente ao problema do feminino no pensamento de Platão*. *Notandum* Livro. n 10. São Paulo: CEMOrOc-EDF/ FEUSP, 2008, pp. 5-24.

VERNANT, Jean-Pierre (org.). *O Homem Grego*. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

_____. *O universo, os deuses, os homens*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VRISIMTZIS, Nikos A. *Amor, Sexo & Casamento na Grécia Antiga*. Tradução de Luiz Alberto Machado Cabral. São Paulo: Odysseus, 2002.

XENOPHON. *Xenophontis opera omnia*. v. 2, 2nd ed. Oxford, Clarendon Press. 1921.

XENOFONTE. *Econômico*. Tradução de Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.